



Maria de Fátima Morais Pinho

HORTO DO PADIM CIÇO

Narrativas, imaginário,
intervenções

Editora
**SER
TÃO
CULT**



Maria de Fátima de Moraes Pinho

Nasceu em Várzea Alegre, em 1966. Professora Associada do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri/URCA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense/UFF, Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Cariri/URCA, especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Vale do Acaraú/UVA, graduada em História pela Universidade Regional do Cariri/URCA.

Desde 1998 desenvolve pesquisa sobre Padre Cícero e o fenômeno social, religioso e político de Juazeiro do Norte. Em 2002 Integrou a “Comissão de estudos para reabilitação Histórico-eclesial do Padre Cícero”, nomeada pelo bispo Diocesano do Crato, Dom Fernando Panico.

No período de 2008 a 2017 foi Diretora do Instituto José Marrocos de Estudo e Pesquisa Sociocultural do Cariri - IPESC, onde desenvolveu pesquisas e organizou eventos como: IV e V Simpósio Internacional do padre Cícero, 2014 e 2017, respectivamente.

Possui textos publicados sobre a temática como capítulos de livros e artigos em revistas especializados.

Maria de Fátima Morais Pinho

HORTO DO PADIM CIÇO

Narrativas, imaginário,
intervensões

Sobral - CE

2023

Editora

**SER
TÃO
CULT**

HORTO DO PADIM CIÇO: Narrativas, imaginário, intervenções

© 2023 copyright by: Maria de Fátima de Morais Pinho

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Editora
**SER
TÃO
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Ana Carolina Eiras Coelho Soares
Andraia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Cid Morais Silveira
Felipe Azevedo Cazetta
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Raimundo Alves de Araújo
Telma Bessa Sales
Valéria Aparecida Alves

Revisão

Karoline Viana Teixeira

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

P654h Pinho, Maria de Fátima de Morais.

Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginário, intervenções. / Maria de Fátima de Morais Pinho. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

232p.

ISBN: 978-65-5421-066-9 - papel
ISBN: 978-65-5421-067-6 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/54210676-2023

1. Religiosidade popular- Ceará. 2. Catolicismo popular. 3. Padre Cícero- História. I. Título.

CDD 922.22

À minha mãe, Noêmia, e meu pai, Raimundo Morais
(in memoriam)

Aos devotos e devotas do padre Cícero, moradores
na Colina do Horto que, gentilmente, não se negaram
a compartilhar suas histórias, sentimentos e crenças.

Nota explicativa sobre a imagem da capa

Em 2002, quando estava escrevendo a dissertação de mestrado, pedi ao artista plástico juazeirense, Petrônio Alencar, que era meu aluno no curso de História, a criação de uma arte sobre o Horto. Portanto, a arte que compõe a capa deste livro, conforme explica o artista, trata-se de um desenho, feito a lápis de cor sobre papel, cuja inspiração se deu a partir da crença corrente de que um dia as pedras do Horto virariam pães. As moedas fazem menção ao real pão em que as pedras do Horto se transformariam: a riqueza advinda do comércio desenvolvido na cidade (e que se apoia fortemente na exploração da imagem sacra do Padre Cícero e de toda fé católica) e as sobras que ficam para os pobres, as esmolas dadas por romeiros, turistas e moradores locais. A água que corre pela Serra do Horto representa a esperança de todos que aqui chegaram fugindo da seca, da fome e da miséria. As nuvens lembram um cenário teatral. São como recortes bidimensionais, sem volume, sem verdade, com o muito de teatro que envolve a exploração da “mística” e “santidade” desta terra

Lista de figuras

Figura 1 - Mapa da colina do Horto	23
Figura 2 - Artefatos ritualísticos encontrados no sopé da serra do Horto	33
Figura 3 - Maquete da Igreja do Sagrado Coração de Jesus a ser construída no Horto.....	52
Figura 4 - Foto das ruínas da igreja do Horto publicada na Revista Fon Fon - RJ.....	58
Figura 5 - Reportagem sobre a peça teatral A Construção, no jornal Diário da Noite - RJ.....	61
Figura 6 - Fotografias do muro e da casa de pedra	64
Figura 7 - Devotos recolhendo os destroços das paredes da igreja do Horto (Revista O Cruzeiro)	88
Figura 8 - Cenas do momento de derrubada das paredes da Igreja do Horto publicadas na revista O Cruzeiro	90
Figura 9 - Panfleto de divulgação da campanha de arrecadação de verbas para a nova igreja do Horto.....	97
Figura 10 - Romeiros à sombra do pé de tambor que foi cortado para a instalação da torre de TV.....	111
Figura 11 - Romeiros na capela do Bom Jesus do Horto construída pelo beato Elias.....	112
Figura 12 - Convite para inauguração da estátua do padre Cícero no alto do Horto.....	118
Figura 13 - Panfleto à população de Juazeiro com orientações sobre festa de inauguração da estátua.....	119
Figura 14 - Primeira parte do cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”	143
Figura 15 - Segunda parte do cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”	144
Figura 16 - Desenho das ruínas da Igreja do Horto no cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”	145
Figura 17 - Desenho do pé de tambor e do cruzeiro do Horto no cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”	146
Figura 18 - Cordel “O Horto em grande reforma: uns sorrindo e outros chorando”.....	147
Figura 19 - Cordel “Jesus a segunda vez traído na santa casado Horto: Bom Jesus do Horto”.....	149
Figura 20 - “O reboliço do Horto e os pobres sem paradeiro”	150

Lista de tabelas

Tabela 1 - Gênero	185
Tabela 2 - Idade	186
Tabela 3 - Estado civil.....	187
Tabela 4 - Quantidade de filhos.....	187
Tabela 5 - Escolaridade.....	188
Tabela 6 - Naturalidade	190
Tabela 7 - Tempo de moradia no alto do Horto.....	191
Tabela 8 - Atividades desenvolvidas.....	202
Tabela 9 - Renda adquirida com o comércio no alto do Horto	203

Prefácio

O mundo cristão inscreve na história a existência do HORTO DAS OLIVEIRAS como o lugar onde CRISTO ou o MESSIAS prometido — filho de JEová — PAI ETERNO, “sua sangue” quando se aproxima o momento em que deverá aplicar rigorosamente ao povo judeu, todas as promessas para a SALVAÇÃO dos filhos de Deus.

Sessenta e cinco anos depois de minha primeira leitura da Bíblia, quando tomei conhecimento do Horto das Oliveiras, recebo o amável e desafiador convite da Dra. Maria de Fátima Morais Pinho para escrever o prefácio de sua obra **Horto do Padim Ciço — Narrativas, imaginário, intervenções.**

Importantíssimo sobre a história do Cariri cearense, o livro é resultado de longa pesquisa para a Dissertação de Mestrado, reiniciada atualmente para analisar os efeitos das intervenções de autoridades religiosas e da administração pública, sobre a vida dos moradores do Horto do Padre Cícero. Para atingir esse objetivo, utiliza técnicas de estudo da História Oral e a metodologia etnográfica de vivência prolongada com os objetos de estudo. Escolhido pelo sacerdote como lugar de descanso, meditação e pregações aos romeiros, o Horto foi também espaço onde predominou a “presença do sagrado”, representado pela “fonte milagrosa”, um nascedouro que, mesmo nos mais longos períodos de seca, jamais deixou de socorrer os sedentos de água e ajuda do “protetor” dos mais miseráveis nordestinos. A presença do Rio Salgadinho (originalmente denominado Carité) era garantia de vida de humanos e animais, fazendo a grandeza da caatinga onde se escondia o Santo Sepulcro, aonde fui levada pela beata Luzia Romualdo. Voltei várias vezes ao Horto, detendo-me nesses espaços santos com um grupo de adolescentes cantadores de bendito no Horto, sob a liderança de Leila, hoje casada com um dos maiores escultores

de imagens sacras e restaurador de igrejas do Juazeiro, Cícero Santeiro, morador do Horto. Sempre me espantei com o fato de intelectuais juazeirenses, até historiadores com livros publicados, jamais terem andado pelos “lugares santos” do mundo beato, no meio da caatinga.

A autora recorre às obras de paleógrafos, geógrafos e arqueólogos, fornecendo ao leitor importantes estudos sobre a formação arque-milenar do Cariri cearense, como a Chapada do Araripe, seus rios e primeiros habitantes, indígenas que tratavam aquela natureza como presença divina. Com toda essa diversidade de informações, configura-se numa obra sobre a cultura nordestina, com suas crenças no sobrenatural e nos “milagres de Deus através de SEUS ESCOLHIDOS”.

Ressalto a importância dessa obra transdisciplinar para entender as profundas transformações da sociedade juazeirense, a partir da “Questão Religiosa”, em finais do século XIX, desde a divulgação dos milagres da transformação da hóstia em sangue, ou o “Milagre do Juazeiro”, quando a hóstia se transformava em sangue na boca da beata Maria de Araújo, ao receber do Padre Cícero a comunhão. A notícia se espalhou na imprensa mundial mobilizando as autoridades católicas, o que levou o Padre Cícero à presença do papa. A autora mostra a profundidade de sua pesquisa online em hemerotecas de acervos nacionais e estrangeiros, registrando a repercussão do chamado Milagre em Juazeiro, que transformou o Padre Cícero no personagem mais fotografado do país.

Fascinantes são as descrições da reação do povo nordestino, que se desloca de todos os estados para visitar a Terra da Mãe de Deus, subindo de joelhos o caminho de pedra para chegar ao Horto do Padim Ciço. É importante a leitura das lutas do Padre Cícero para construir a Igreja do Horto, contando com total apoio de seus seguidores, quando para lá se deslocam milhares de sertanejos, iniciando a povoação da serra. Contudo, pela interdição das autoridades da Igreja Católica, proibindo Padre Cícero de celebrar missa, ele Padre Cícero morre deixando apenas as torres da igreja prontas.

Após sua morte, deixando em testamento a doação de toda sua obra aos salesianos, estes, após enfrentarem as autoridades do Bispado do Crato, conseguiram tomar conta do Horto e de todos os bens doados pelo Padre Cícero após decisão judicial. Padre Cícero Porém, os salesianos enfrentam até hoje empresários e autoridades públicas do Juazeiro. É triste verificar a percepção dos moradores e romeiros do Juazeiro, principalmente dos moradores do Horto, em relação aos resultados da luta entre as autoridades religiosas e públicas que só se entendem uma direção: destruir a sacralidade, a crença beata dos romeiros na santidade do Padre Cícero.

A autora cita minha reação quando fui convidada, pelo prefeito de Juazeiro, a fazer parte de uma Comissão de Especialistas — autoridades universitárias, especialistas em religião, empresários de todo o Cariri — para apresentar o projeto de “Revitalização do Horto”. Fiquei estupefata com o silêncio dos presentes e mais ainda com o conteúdo do projeto, que não apenas exigia altos empréstimos no exterior como previa um desmatamento absurdo do Horto. O primeiro ataque já se iniciara pela iniciativa da Paróquia do Juazeiro de levar cerca de cinco mil pessoas, entre romeiros e juazeirenses, para uma Semana Santa no Horto, bem perto do Santo Sepulcro. A festa resultou numa verdadeira invasão de barracas de bebida e comida e prostíbulo no local, além da ocorrência de assaltos e venda de drogas. Há muitos anos sem voltar à Terra da Mãe de Deus, espero que as autoridades civis e religiosas tenham solucionado esse problema.

O importante é a leitura deste excelente trabalho acadêmico, escrito em linguagem acessível também para as camadas mais pobres de seguidores do Padre Cícero, no momento em que o Papa Francisco anuncia a beatificação do santo nordestino.

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Antropóloga

Professora aposentada da UFRJ e da UERJ

Doutorado em Ciências Sociais/PUCSP

Pós- Doutorado em Antropologia/UNICAMP

Pós-Doutorado em Ciência da Literatura/UFRJ

Apresentação

O Horto do Padre Cícero em suas múltiplas dimensões

Fazendo diversos caminhos para chegar ao Horto do Padre Cícero, este livro traz um conjunto de percursos que se combinam para contar uma história de devoção e encantamento, cheia de nuances que só quem esgota possibilidades investigativas pode oferecer. Transitando entre aspectos demarcados por diferentes pontos de vista, os capítulos se apresentam como degraus de uma escada, fazendo-nos entender em detalhe e abrangência as diversas dimensões que tornam compreensível o espaço sagrado.

Tomando vários recursos metodológicos e documentais para a sua escrita, como uma boa historiadora, Fátima Pinho transita do horto ritualístico ancestral, ilha-refúgio de antigas e últimas águas, ao Horto do Padre Cícero, concebido à luz de uma geografia imaginada das escrituras e, ainda, ao horto resultante de apropriações turísticas, que vai se definindo na destruição de vestígios do que possa ser entendido como “religiosidade fanática e ultrapassada”. Do conjunto de lugares que se desenha no mesmo espaço decorrem usos, resistências, apropriações políticas, culturais e econômicas. Finda na significação do Horto para os devotos e moradores definida na intimidade com o espaço e os processos de transformações que testemunharam ao longo do tempo.

Nas entrelinhas, do texto é possível assistir à pesquisadora pé no chão entre as ruas da colina, conversando com transeuntes, refinando conteúdos de discursos. Articula no texto uma mentalidade

que conhece profundamente: as crenças e percepções do povo simples do Juazeiro do Norte sobre os eventos que tornaram o Padre Cícero um ícone religioso e cultural. Personagem arrebatador tanto para agricultores como para intelectuais de várias gerações ao longo e após sua trajetória de vida.

Continuamente, ao longo das páginas, Fátima toma pela mão o leitor e deslinda aspectos geográficos e informações históricas, algumas garimpadas cuidadosamente entre fontes diversas, construindo um mosaico de versões que constituem, de forma densa e dinâmica, a trama entre pessoas, acontecimentos e o lugar. Nesse sentido, ler seu escrito é percorrer de forma quase material o espaço e a história, tal é a transparência e profundidade descritiva que oferece. Ao final, oferece uma crítica certeira à forma como as apropriações do Horto — por diversos atores e interesses nem sempre alinhados com as necessidades e representações que a gente comum faz do sagrado —, ressignificam, desterritorializam e, em medida preocupante, desrespeitam não só a memória, mas a própria cultura e o Padre Cícero como “padrinho” e instrutor de seu povo.

As reivindicações de beatos, vendedores, migrantes, moradores, romeiros e personagens diversos que transitam ou ocupam o espaço do Horto de diferentes formas são, aliás, um aspecto forte da narrativa. São falas captadas, selecionadas e introduzidas em pontos-chave da escrita, colaborando para criar uma autenticidade na apresentação de ideias que são, em seguida, cuidadosamente refletidas e analisadas em cada contexto apresentado.

O uso de documentos, cartas, recortes de jornal de diversas épocas, cordéis, dados estatísticos e de várias fontes orais é outro aspecto que torna este livro uma preciosa contribuição para os estudos sobre Juazeiro do Norte e o Padre Cícero, pelo conjunto de sujeitos participantes, falas coletadas, dados apresentados e esforços de articulação de forma acessível para o público em geral. Camadas de percepção são apresentadas quando nos deparamos com histórias dentro de histórias em narrativas que recuperam

tensões entre devotos, moradores e os responsáveis pela administração do Horto, sejam religiosos ou políticos.

Essas tensões refletem como moradores e devotos, em suas crenças simples, se portaram ao longo do tempo como legítimos guardiões do legado do Padre Cícero. Como zelaram pela dimensão hierofânica e mística que ele manifestou e cultivou, assinalando representações de um sagrado espacial, distinto das realidades materiais comuns de uma colina, que se transfigura em *front* de batalha circundado por uma trincheira nomeada “Círculo da Mãe de Deus”. Em outros momentos se torna “Porta do Céu”, “lugar encantado” à espera do “tempo de Nosso Senhor chegar” no dia do julgamento final. Céu, inferno, purgatório, Nova Jerusalém... Impossível não se impactar com tanta potência imaginal que fecunda nossa compreensão sobre a heterogeneidade dos espaços sagrados, resultante de campos de interesse que modelam significados e sentidos.

Tomando as diversas dimensões que o Horto representa, refletir sobre os impactos das intervenções turísticas naquele espaço é algo que este livro costura entre as análises, apontando como equipamentos, monumentos, decorações, demolições, controles, regras, horários de funcionamento vão aos poucos profanando e eliminando o sagrado, ao mesmo tempo em que a construção de uma nova igreja — ao lado da degradação do lugar, que se tornou também ambiente de bebedeiras, roubos e violências — apontam dimensões férteis para a continuidade de estudos sobre o tema.

Ao recuperar essa discussão nascida em sua Dissertação de Mestrado, defendida há 20 anos, o que Fátima Pinho faz é dar visibilidade a um cenário que continua alvo de apropriações, tendo em vista a recente instalação de teleférico no local. Um equipamento que, pela sua natureza, contribui não apenas para o incremento econômico por meio da exploração do espaço sagrado como ponto turístico, mas também para a ressignificação do lugar, que vem paulatinamente se transformando desde a implantação do Museu do Horto, localizado na antiga casa de veraneio do Padre Cícero.

Ao retomar seu tema de estudo agora, Fátima também reacende a reflexão sobre a forma como os salesianos administram o lugar, num momento em que o início do processo de beatificação do Padre Cícero é autorizado pelo Papa Francisco. Há muito tempo, intelectuais e pesquisadores preocupam-se com o processo de polimento na imagem do Padre Cícero, caso venha a ser acolhido pela Igreja, e como isso poderia afetar suas características de santo do povo, um tanto humano, consagrado pelo catolicismo popular. O trabalho cuidadoso aqui apresentado permite ainda uma descoberta e um questionamento sobre como os sentidos e representações do Horto poderão ser impactados, à medida que esse tema for friccionado de forma mais intensa nos próximos capítulos da interação do Padre Cícero com a Igreja Católica.

Tive o prazer de conhecer Fátima quando ela deu os primeiros passos nessa pesquisa. Naquele momento, pude testemunhar seu temperamento obstinado, investigativo e corajoso. A amizade se firmou na admiração pelo seu compromisso e cuidado com a história de Juazeiro do Norte e sua positividade diante dos eventos da vida. Este livro reflete algo mais, igualmente admirável: envolvimento e paixão pelo conhecimento.

Penso que esta obra nos chega em mãos na hora certa para aprofundar o debate sobre o futuro do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo, coparticipante dos eventos que o tornaram santo do povo, enquanto ela foi invisibilizada — ao mesmo tempo em que se coloca como peça ilustre no acervo histórico de Juazeiro do Norte.

Maria Paula Jacinto Cordeiro

Socióloga

Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais
Universidade Regional do Cariri

Sumário

Introdução.....	21
-----------------	----

CAPÍTULO I

O MONTE SAGRADO: de sítio ritualístico religioso do homem Kariri ao horto sagrado do Padre Cícero.....	31
--	----

- 1.1 “AQUI É PARECIDO COM O HORTO ONDE JESUS FOI CRUCIFICADO”: Padre Cícero e o reencontro com o sagrado.....35
- 1.2 “INTENCIONO IR FAZER A MINHA MORADA QUASE TODA NO HORTO”: A relação do Padre Cícero com o espaço sagrado da colina.....37
- 1.3 A PROMESSA: Um bom inverno em troca de uma grande igreja.....41
- 1.4. “PROMESSA É DÍVIDA”: A saga da construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus no alto da Colina do Horto.....43
- 1.5. HORTO DO PADIM CIÇO: Campo de resistência na guerra civil do Ceará (1913/14)..... 62
- 1.6. “O HORTO, AQUI, É A PORTA DO CÉU!”: Narrativas e imaginário dos seus habitantes..... 65
 - 1.6.1. “QUANDO A PEDA DA BATATERA DESCER, SÓ O HORTO VAI SE SARRVAR”: Narrativas sobre a lenda da Pedra da Batateira..... 66
 - 1.6.2. “QUANDO PADIM CIÇO ERA MININO, VINHA BRINCAR AQUI”: Horto como morada eterna do Padre Cícero..... 71
 - 1.6.3. “ÓI, MEUS AMIGUIM, VOCÊS PODE MORRER NO FIM DO MUNDO, A PRIMEIRA VIAGEM DE VOCÊS É AQUI”: Horto como lugar do Juízo Final 73

CAPÍTULO II

“DEIXO PARA ORDEM DOS PADRES SALESIANOS...”: Os herdeiros testamentários do Padre Cícero e o alto do Horto	77
--	----

- 2.1. “AUXILIEM AOS BENEMÉRITOS PADRES SALESIANOS, COMO SE FÔSSE A MIM PRÓPRIO”: A atuação dos padres salesianos na Colina do Horto..... 81
- 2.2. “NÃO É O MESMO PROJETO, NÃO É NO MESMO LUGAR, NÃO É O MESMO NOME: A construção da nova Igreja do Horto..... 93
- 2.3. SAEM AS BEATAS, ENTRAM AS FREIRAS: as irmãs salesianas no Horto...103

CAPÍTULO III

DO ESPAÇO SAGRADO AO ESPAÇO TURÍSTICO: Intervenções do poder público no alto do Horto	107
3.1. MAIS VALE UM CANAL DE TV DO QUE UMA ÁRVORE CENTENÁRIA: A derrubada do pé de tambor para a construção das torres de TV	108
3.2. “AQUI SERÁ CONSTRUÍDO UM DOS MAIORES MONUMENTOS DO MUNDO”: A estátua do Padre Cícero no alto do Horto.....	113
3.3. UM NOVO PROJETO DE URBANIZAÇÃO DO HORTO: A construção da praça, barracas, banheiros e estacionamento.....	125
3.4. UM PROJETO PARA “REVITALIZAR” O QUE JÁ TEM VIDA: destruir o espaço místico para construir o espaço turístico?.....	131
3.4.1 “HISTÓRIA DE MUSEU.. AÍ, É A CASA DE MEU PADIM CIÇO”: O Museu Vivo do Horto.....	138

CAPÍTULO IV

“NÓIS TUDIM SOMO RUMEIRO DO PADIM CIÇO”: Os herdeiros da fé	159
4.1. NO TEMPO DO “PADIM CIÇO”: Os beatos do Horto.....	160
Beato Mancel João - o beato do Santo Sepulcro	161
Beato Vicente - O beato das matas.....	162
O beato Mancel Palmeira - o convertido.....	163
Beato Elias — um santo homem ou um falso beato?	165
4.2. AS ROMEIRAS DO ALTO DO HORTO: Beatas, penitentes, donas de casa, trabalhadoras	169
LUIZA DO HORTO - a última moradora do casarão do Padre Cícero.....	171
DONA ISAURA - a última mística do Horto	173
DONA PEDRINA - a carpideira do Horto.....	176
JOSEFA MARIA VIEIRA - a parteira do Horto.....	178
4.3. “NÓIS SOMO UM SÓ. E ELE, É POR NÓIS!” - Uma biografia coletiva dos moradores do alto do Horto	183
4.3.1. “NÓIS TUDO SOMO DEVOTO DO PADIM CIÇO”: Perfil social, de gênero e civil	185
4.3.2. “EU VIM FOI COM A ORDEM DE MEU PADIM CIÇO”: Por que morar no alto do Horto.....	190
4.3.3. “AQUI É ONDE NÓIS ARRUMA NOSSO PÃO DE CADA DIA”: Narrativas sobre o trabalho e a sobrevivência no alto do Horto.....	197

“O PADIM CIÇO DEXÔ O HORTO PRA SARVAR OS PEREGRINOS PO- BRES QUE SOMOS NÓIS”: Considerações finais.....	211
REFERÊNCIAS	221
Fontes orais:.....	221
Fontes manuscritas.....	221
Sites	222
Dissertações e teses	222
Fontes impressas	223
Documentos	223
Artigos e livros	223

Introdução

Toda cidade mística tem o seu monte sagrado. [...] Juazeiro tem seu monte santo que é o Horto [...]. No alto do Horto, o Padre Cícero na majestade heráldica daquele monumento é um ritual litúrgico, convidando o povo a rezar: “**Sursum Corda**” — Corações ao alto! E lá embaixo, a cidade ajoelhada, rezando em cada rua a ladainha de Todos os Santos, responde piedosamente: **Habemus ad Dominum!** Já os temos levantados para Deus!

(Padre Antônio Vieira)¹

Em 1872, um jovem sacerdote, branco, olhos azuis, filho primogênito de uma importante família cratense, conhece uma menina negra, pobre, moradora do povoado do “Joazeiro”, então distrito do Crato. O padre era Cícero Romão Baptista e a menina, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo. O encontro de ambos se deu durante a primeira comunhão das crianças do lugar, ocasião em que percebera “[...] as melhores disposições daquela menina para a vida interior”, aconselhando-a a se consagrar a Nosso Senhor (CASIMIRO, 2012, p. 26). A partir desse encontro, Padre Cícero se tornará seu “diretor espiritual”, acompanhando sua “vida de santidade” e presenciando os “fatos extraordinários e sobrenaturais” — supostos estigmas de Cristo, êxtases durante a celebração de missas etc. — que ocorrerão com a beata Maria de Araújo, como passou a ser conhecida.

¹ Trecho extraído do livro intitulado *Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte*, publicado em 1988, de autoria do varze alegrense padre Antônio Batista Vieira (*14.06.1919 / +19.04.2003).

Em 1º de março de 1889, na sexta-feira que antecedeu o período carnavalesco, Maria de Araújo, durante a missa que encerrava uma noite de vigília e oração, ao receber a comunhão, sentiu a hóstia converter-se em sangue. O evento, anunciado como “miraculoso”, se repetirá diversas vezes durante alguns anos. Tais fatos “extraordinários”, que já circulavam na oralidade, chegarão à imprensa em 19 julho daquele ano, através de uma notícia publicada no jornal *Pedro II*, de Fortaleza, com o seguinte título: “Será Milagre”?

A notícia se espalha como rastilho de pólvora, ganhando espaço em periódicos de todo o Brasil e até no estrangeiro². A grande repercussão dos “fatos extraordinários”, tanto na oralidade quanto na imprensa, atrai uma multidão de pessoas. Curiosas ou movidas por questões de fé, elas querem conferir, *in loco*, os fenômenos sobrenaturais, transformando o povoado de Joazeiro numa “Nova Jerusalém” (PINHO, 2019, p. 99). Os desdobramentos sociais, políticos, econômicos e, principalmente, religiosos dos chamados “fatos extraordinários de Joazeiro”, transformarão de forma indelével a vida do padre, da beata e do lugar.

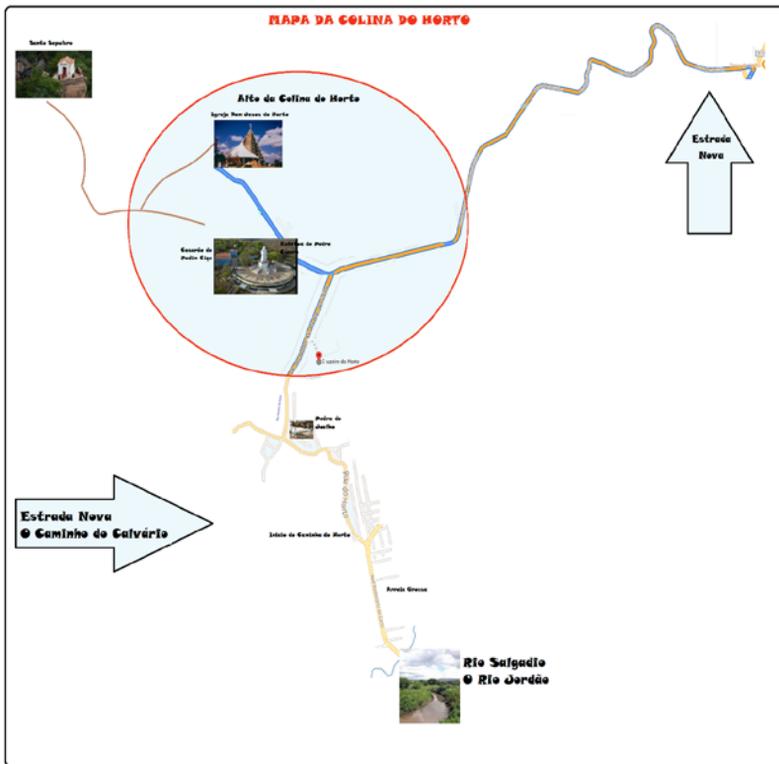
Juazeiro do Norte, ao longo do século XX, foi se transformado na “Meca do Cariri”, recebendo, anualmente, milhares de homens e mulheres de vários estados do país, sobretudo do Nordeste, em busca do sagrado, movidos pelo desejo de pisar a terra santa do seu “padim Ciço” e da Mãe das Dores, transformando o lugar no maior centro de romaria dessa região do país.

Todo devoto que vem em romaria cumpre um ritual específico, qual seja, o de visitar os lugares para ele revestidos de sacralidade: Basílica de Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, museu-casa — onde morreu o Padre Cícero —, o Horto. Nesse universo sacralizado, a Colina do Horto representa o centro, o ápice da religiosidade romeira. Para o historiador Régis Lopes Ramos, o centro de Juazeiro é a “Serra do Horto e o centro da Serra do Horto é o Santo Sepulcro” (2012, p. 379).

2 Sobre esta repercussão, conferir a tese: **PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO?** Teias de notícias e ressignificações do acontecimento Padre Cícero (1870-1915), (PINHO, 2019). Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf> (Acesso em: 22 mar. 2022).

A Colina do Horto, antes conhecida como Serra do Catolé, começa no Rio Salgadinho, rebatizado pelos devotos de “Rio Jordão”, segue pela subida da ladeira do Horto, o Caminho do Calvário, onde estão as 14 estações da Via-Crúcis de Jesus, o Monte Sinai, a pedra do joelho e, finalmente, o alto do Horto, lugar de maior importância e de circulação de devotos onde, até meados do século XX, se encontravam o casarão do Padre Cícero, as ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o pé de Tambor, a capelinha do Bom Jesus do Horto do beato Elias e diversos cruzeiros. Aproximadamente a três quilômetros do alto do Horto situa-se o “Santo Sepulcro”, local místico cuja paisagem é repleta de pedras grandes, com diversas capelinhas, no qual está sepultado o beato Manoel João.

Figura 1 - Mapa da colina do Horto



Fonte: Mapa elaborado pela autora.

Em 1911, quando Juazeiro conquistou sua independência político-administrativa, o Horto foi agregado ao seu território como distrito pela Lei Municipal nº 51, de 12/11/1911 (www.ibge.gov.br). Em 1936, o prefeito Antônio Gonçalves Pitta, através do Decreto nº 29, procurou organizar a cidade, conferindo nomenclaturas aos logradouros e estabelecendo os limites do espaço urbano. Nesse contexto de reestruturação do município, o Horto foi elevado à categoria de bairro.

Até a década de 1960, o alto da colina era habitado, majoritariamente, por beatos, beatas e penitentes. Com os projetos de modernização do lugar, especialmente a construção da estátua do Padre Cícero em 1969, tem início um crescente processo de urbanização.

O alto da Colina do Horto, destacado no mapa acima, compreende o perímetro da avenida Padre Jezu Flor até o início da rua do Horto, subindo pela ladeirinha que leva à praça onde se encontra o casarão (Museu Vivo), a estátua do Padre Cícero e o caminho até a entrada do Santo Sepulcro.

Foi nesse espaço que fiz a pesquisa que embasa o presente livro, realizada entre os anos de 2000 e 2001 para a escrita da dissertação de mestrado. Em 1999, quando cursava o mestrado em Desenvolvimento Regional, primeiro curso *stricto sensu* da Universidade Regional do Cariri, levei para visitar o Horto a professora Antônia Silva Paredes Moreira, que na ocasião ministrava a disciplina de Epidemiologia Social. Impressionada com o que vi e senti naquele espaço, desafiou-me a mudar o projeto para pesquisar as representações sociais do Padre Cícero especificamente ali, dispondo-se a ser minha orientadora. Imediatamente aceitei a proposta; aquele universo religioso, com suas narrativas próprias, imaginário fantástico, personagens típicos e romarias que cruzavam o Nordeste em busca da Terra da Mãe de Deus, me encantava e chamava minha atenção desde criança.

A partir daí, comecei a frequentar o alto do Horto com mais regularidade, observando o movimento, conversando com as pessoas que trabalhavam e viviam naquele lugar, conhecendo o co-

tidiano da comunidade. Nesse período, ainda cursando o mestrado, procurei fazer os trabalhos de avaliação das disciplinas tendo como temas os aspectos observados no Horto: na disciplina de Epidemiologia Social, trabalhei com os vários tipos de remédios caseiros vendidos no Horto; em Sociologia do Trabalho, escrevi um artigo sobre “o trabalho informal na colina do Horto”.³

Nas cadeiras de Seminário de Pesquisa I e II, refiz o projeto e, terminando de cursar as disciplinas, comecei a desenvolver a pesquisa de campo propriamente dita. É importante ressaltar que, naquele momento, no começo de 2001, três fatos marcavam o cotidiano e a mentalidade daquela população: primeiro, era a passagem do século XX para o século XXI. Nessa época, acreditava-se que o sacerdote havia profetizado o fim do mundo. Segundo os devotos, ele dizia: o mundo só existirá “[...] até mil novecentos e tantos, pois dois mil não chegará”. As crianças do Horto, inclusive, recebiam os romeiros e visitantes cantando o “bendito do Padre Cícero”, de autor desconhecido:

*Meu padrinho quando era vivo
Ficou cansado de falar*

*De 90 por diante
Tudo se transformará*

*Adeus até mil e tanto
Que dois mil não chegará*

*Adeus a estátua santa
Adeus Santo Juazeiro
Adeus Nossa Mãe das Dores*

*Proteja todos os romeiros
Estamos no fim dos tempos
Com assalto, morte e guerra
Daqui pra chegar dois mil
Muitos tremores da terra*

3 Este artigo, desenvolvido em parceria com um colega do mestrado (PINHO; NASCIMENTO, 2003), foi publicado na revista “TENDÊNCIAS”, Cadernos de Ciências Sociais, p. 95-114.

O segundo aspecto que marcou a fase inicial da pesquisa de campo foi a campanha promovida pelo Sistema Globo para eleger o “cearense do século”, na qual o Padre Cícero foi eleito com mais de um milhão de votos. O terceiro é, certamente, o mais significativo para os moradores. Trata-se do fim da parceria entre a Prefeitura de Juazeiro do Norte e os padres salesianos no que se refere ao projeto de revitalização do Horto.

Em 2001, com a mudança na administração do município, Carlos Alberto Cruz ao tomar posse na prefeitura, nomeia a primeira-dama, Sra. Maria do Socorro Gomes de Figueiredo Cruz, para coordenação do Museu Vivo, começando aí uma série de mudanças, como a decisão tirar todos os cofres de dentro do imóvel, entrando em rota de colisão com o padre Giuseppe Venturelli, então administrador do Horto. Enquanto coordenadora entendia que a casa, ao ser transformada em museu, passou a ser propriedade da prefeitura, o representante da Congregação Salesiana entendia que a parceria não lhes tirava o direito como proprietários.

Em meio à disputa acerca da administração do Museu Vivo, uma moradora se expressou da seguinte forma: “Tratava-se da separação litigiosa em que um era dono do imóvel (Congregação Salesiana), o outro era dona dos móveis (a prefeitura)”. No âmbito dessa controvérsia, a população do alto do Horto, que comercializava naquela atmosfera conflituosa, assistia assustada e revoltada ao desfecho da situação.

Num primeiro momento, tais circunstâncias dificultaram a realização das entrevistas, pois muitos tinham medo de falar. Nesse ínterim, então, tive a oportunidade de conhecer a jovem professora Maria das Dores Guilhermino, também moradora do Horto e funcionária dos padres salesianos. “Dorinha do Horto”, assim apelidada, era bastante conhecida, muito querida e respeitada na comunidade. Com a ajuda dela, comecei a conversar com homens e mulheres, jovens e velhos que residiam e trabalhavam no alto da colina.

A metodologia de pesquisa foi cuidadosamente desenhada no sentido de oferecer uma visão mais ampla daquela comunidade.

Dessa forma, adentrei o universo romeiro a partir da chamada “observação sistemática”, ou seja, durante alguns meses me dirigia ao Horto com um diário em mãos e me dedicava a observar comportamentos, práticas e relações entre aqueles que se constituíam meus entrevistados. Nessa etapa, eu me fiz presente em momentos de grande circulação de devotos e visitantes, mas, preferencialmente, nos períodos em que havia poucas pessoas de fora. Assim sendo, pude verificar como se dava a relação entre os membros da comunidade, o espaço e a administração do Horto.

Posteriormente, foi necessária a elaboração de um questionário capaz de me permitir realizar uma prosopografia dos moradores do lugar. Nele foram solicitados nome, estado civil, idade, tempo de moradia no Horto, naturalidade, ocupação e escolaridade, seguindo, assim, as recomendações de Lawrence Stone (1971, p. 46):

[...] A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões — sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional etc. Os vários tipos de informação sobre indivíduos de um dado universo são então justapostos e combinados e, em seguida, examinadas por meio de variáveis significativas. Essas são testadas a partir de suas correlações internas e correlacionadas com outras formas de comportamento e ação.

Enfim, o terceiro instrumento de pesquisa utilizado foi um modelo de entrevista semiestruturado e flexível, para o qual foi elaborado um roteiro prévio, possibilitando ao entrevistador e entrevistado perguntarem e responderem algo que não tivesse sido planejado, tornando o diálogo mais natural e dinâmico.

Nessa direção, elaborei as seguintes perguntas: quem é o Padre Cícero para você? O que é o Horto para você? Por que escolheu morar no Horto? Quais os problemas do Horto?

De posse do material empírico coletado, eu mesma transcrevi todas as entrevistas, optando por manter, na escrita, a linguagem coloquial dos narradores, pois, como afirma Portelli (2016, p. 20), “[...] o significado de um evento não pode ser separado da linguagem pela qual ele foi lembrado e narrado”. Feita a transcrição, pus-me a analisar e escrever a dissertação de mestrado, defendida em 26 de março de 2002, com o título: “As representações sociais do Padre Cícero para os moradores da Colina do Horto”.

Após a defesa, mesmo dando continuidade às pesquisas relacionadas a Padre Cícero e todo o contexto sociopolítico e religioso do Juazeiro, deixei as investigações acerca do Horto devidamente resguardadas. Entretanto, o Horto passou a representar, também para mim, um lugar especial, para onde me dirigia com frequência com o objetivo de rever amigas e amigos e recarregar minhas energias.

Em 2021, prestes a completar 20 anos de defesa da minha dissertação e já tendo concluído o doutorado, retomei o material de pesquisa. Passei as entrevistas que estavam gravadas em fitas k7 para o modo digital, ouvi atentamente cada uma delas e decidi escrever um livro sobre o Horto, pondo no centro as narrativas daquelas mulheres e homens, à medida que as embasava com os documentos que fui coletando ao longo dos anos. O presente livro, portanto, não é minha dissertação de mestrado, mas uma releitura dos relatos, do imaginário de seus habitantes, como também uma análise das intervenções implementadas pela Igreja Católica e pelos poderes públicos instituídos no alto do Horto, no intuito de transformá-lo num espaço de turismo religioso e ambiental.

Em vista disso, a intenção que me move é, na verdade, ouvir e analisar a narrativa daqueles que se sentem chamados e escolhidos pelo Padre Cícero a morar no alto do Horto ou na “terra da Mãe de Deus”. Segundo eles, o sacerdote costumava lhes dizer:

[...] Meus amiguim, pra todo canto que vocês fosse, num achasse sossego, num achar de comer, nem água pra beber, num achar descanso de nada da sua vida, vem pra Juazeiro que tudo que você num achou, você acha aqui no Juazeiro. Meu amiguim, uma noite você num passa, um dia sem cumê, garanto, dento do Juazeiro, você armaço, se você num jantar, mais você armaço! (João Leite).

Buscando olhar para o habitante devoto, tentando compreender suas visões de mundo, crenças, o cotidiano que o cerca, sua relação com o território numa simbiose constante entre o sagrado e o profano, pretendo fazer uma “história vista de baixo” valendo-me do conceito do historiador inglês Edward P. Thompson (1998), no qual se dá ênfase ao conhecimento histórico construído a partir do ponto de vista de mulheres e homens considerados comuns até então, mas que são tão sujeitos do processo histórico estudado quanto políticos e líderes militares, habitualmente apontados como protagonistas.

O livro é estruturado em 4 capítulos, da seguinte forma:

Capítulo I: O MONTE SAGRADO: De sítio ritualístico religioso do homem Kariri, ao Horto sagrado do Padre Cícero — aqui, analiso o Horto considerando a hipótese de que ali se constituiu um sítio ritualístico dos primeiros seres humanos que chegaram ao Cariri há milhares de anos. Ressalto a chegada do Padre Cícero ao Horto como o “reencontro com o sagrado”, fazendo uma discussão sobre a relação do sacerdote com aquele espaço. Finalmente, defendo o Horto como o lugar de resistência do devoto e aprofundo a análise das narrativas e do imaginário dos habitantes a respeito do lugar.

Capítulo II: “DEIXO PARA A ORDEM DOS PADRES SALESIANOS...”: Os herdeiros testamentários do Padre Cícero e o alto do Horto — discuto a chegada dos padres salesianos e sua atuação no Horto dos anos de 1940 até os dias de hoje.

DO ESPAÇO SAGRADO AO ESPAÇO TURÍSTICO: Intervenções do poder público no alto do Horto é o tema do terceiro

capítulo, no qual discuto a atuação do poder público, principalmente o municipal, no alto do Horto no sentido de transformar e desenvolver o turismo religioso. Analiso como cada projeto de modernização vai destruindo os símbolos e ícones religiosos que representavam para o devoto habitante a presença do Padre Cícero.

Por fim, o quarto capítulo: **“NÓIS TUDIM SOMO RUMEIRO DO PADIM CIÇO”**: **Os herdeiros da fé** — é dedicado aos devotos do Padre Cícero que viveram ou ainda vivem no alto do Horto. São histórias de homens e mulheres pobres, simples que, ao se sentirem chamados deixaram sua terra natal, suas vidas, imóveis, a família e vieram para Juazeiro. Na primeira parte, faço uma pequena biografia de alguns beatos que viveram no Horto. Em seguida, apresento uma prosopografia dos moradores, tomando como ponto de partida o questionário e as entrevistas concedidas durante a pesquisa de campo, buscando analisar o modo de vida, trabalho, renda, o cotidiano de todos eles.

Passadas duas décadas de realização da pesquisa de campo, entrego para leitura e conhecimento de todos as narrativas e visões de mundo de uma população que vive e sobrevive no espaço sagrado do “padim Ciço”: o alto da Colina do Horto.

CAPÍTULO I

O MONTE SAGRADO: de sítio ritualístico religioso do homem Kariri ao horto sagrado do Padre Cícero

Estudos geológicos afirmam que a serra hoje denominada de Horto surgiu há aproximadamente 650 milhões de anos, reunindo o substrato das rochas sedimentares que constituem a atual Bacia do Araripe. São, na verdade, as mais antigas da região do Cariri cearense, de acordo com informações do Geopark Araripe.⁴

A paisagem composta desde então se originou quando

[...] as rochas aquecidas do manto da Terra emergiram vindas de profundidade. Na superfície da terra, a mistura granítica lentamente esfriou e solidificou, formando pequenos cristais que finalmente iriam resultar em um granito. Os sedimentos que estavam em contato com essas rochas aquecidas transformaram-se em rochas metamórficas, todo este processo está exposto no geotopo granito (ALVES *et al.*, 2010).

A estrutura geológica da Colina do Horto, com suas enormes pedras, conferiu ao local um aspecto místico, dotado de simbolismo religioso. Os devotos do Padre Cícero a consideram um ambiente sagrado, o lugar do fim do mundo, onde todos serão julgados e no qual o sacerdote faz sua morada eterna.

Para Alemberg Quindins,⁵ a sacralização do Horto por parte do Padre Cícero e seus devotos não é apenas fruto da imaginação

4 Disponível em: <http://geoparkararipe.urca.br> (Acesso em: 02 out. 2021).

5 Francisco Alemberg de Souza Lima, músico e produtor cultural desde a década de 1980, realiza pesquisa sobre as lendas e mitos da Chapada do Araripe. Entrevista realizada em 07 de setembro de 2021.

dessas pessoas. Segundo ele, aquela colina localizada em Juazeiro do Norte foi, num passado bastante remoto, um sítio ritualístico onde o homem Kariri realizava cerimônias religiosas.

Estudioso desde os idos de 1980 das lendas e do imaginário correntes na Chapada do Araripe, Alemberg e sua esposa, a arqueóloga Rosiane Limaverde,⁶ costumavam visitar não só a chapada, mas os lugares em que subsistia a tradição oral da mitologia Kariri, com narrativas que traziam a história dos povos originários da região caririense.

Com um gravador e uma câmera fotográfica nas mãos, coletavam depoimentos e registravam personagens, ao mesmo tempo em que descobriam a existência de sítios arqueológicos e lugares considerados encantados. As incursões, que não foram poucas, lhes proporcionaram o acúmulo de conhecimento acerca da história mitológica e da arqueologia do Cariri.

Durante as andanças pela chapada e serras da região indagavam, sobre as histórias dos mais velhos, as lendas, as crenças, os mitos. Ao longo dos anos, tornaram-se amplamente conhecidos e sempre que um ou outro narrador encontrava algo diferente, contactava o casal para entregar qualquer objeto ou utensílio encontrado.

Dessa maneira, ainda na década de 1980, chegaram às mãos dos pesquisadores três objetos encontrados por pedreiros que trabalhavam na construção de uma casa no sopé da colina do Horto.

Conta Alemberg:

[...] Um dia nós recebemos de presente de pedreiros que estavam fazendo uma casa no sopé do Horto e encontraram três machados, e estes três machados feitos de lítico, feitos de pedras ali do Horto, eram ritualísticos. Não era machados que se usavam rústico para fazer utensílio doméstico, mas, eram ri-

⁶ Rosiane Limaverde Vilar Mendonça (*1964/+2017) era compositora, cantora, musicista, pesquisadora, mestre em Arqueologia e Preservação do Patrimônio pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutora em Arqueologia pela Universidade de Coimbra (UC).

tualísticos por conta da ornamentação deles e dos frisos que eles têm como que fosse uma coisa além do que fosse só uma ferramenta de uso rústico, porque as ferramentas da pré-história de uso rústico tinham uma estrutura montada para aquecer o uso, e existem as ferramentas que são ritualísticas, que são usados nos rituais religiosos, rituais ligados a essa cultura imaterial dessa relação do homem com o imaginário. São as pessoas mais antigas do Juazeiro, do Horto e comprovando que ali era um sítio lítico, onde se tirava pedras para fazer ferramentas líticas.

No tocante a essa descoberta, ressalta Alemberg, o fato de as peças terem sido encontradas justamente ali é muito significativo, pois, caso tivesse sido no alto da serra, provavelmente osromeiros as teriam levado, ou mesmo os indígenas, qualquer outra pessoa em visita ao lugar. No entanto, considera, ao serem localizadas no sopé, enterradas, descobertas somente porque os pedreiros trabalhavam nos alicerces de uma casa, fortalece a hipótese de os achados pertencerem a um tempo muito antigo.

As peças, hoje expostas na Fundação Casa Grande — Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda-CE, podem ser consideradas uma comprovação de que, no Horto, muito antes da chegada do Padre Cícero, “[...] desde o princípio geológico, aquele lugar foi um lugar diferenciado como um sítio ritualístico, um sítio sagrado, tinha esse encanto, tinha essa ciência embutida, tinha essa coisa encantada [...]”, afirma Alemberg.

Figura 2 - Artefatos ritualísticos encontrados no sopé da serra do Horto



Fonte: Fundação Casa Grande - MHK, Nova Olinda-CE.

Para o pesquisador e também músico, Alemberg, os ritos religiosos hoje praticados na Colina do Horto por romeiros do Padre Cícero — passar entre as pedras e debaixo delas, tocar em objetos, entre outros —, estão presentes nas chamadas

[...] tradições do homem Kariri, esse lugar mantém a cultura imaterial do ritual vindo de uma forma antropológica, trazendo do Nordeste inteiro, como os índios chamam, os parentes para fazer ritual ali.

Neste sentido, defende que o “[...] Horto é um lugar encantado desde a pré-história”.

Em sua argumentação, explica que as pesquisas realizadas a respeito da formação geológica do Cariri apontam que, há 100 milhões de anos, a região foi um braço de mar e que quando esse “lago salgado” começou a secar, o lugar hoje conhecido como Horto foi o último a ser atingido, constituindo-se, assim, nas “[...] últimas águas do Cariri e transformando a serra numa ilha cercada por um grande rio”.

Alemberg defende que

[...] O Horto se situa no Vale do Salgado. Foram as últimas águas do Cariri. Ali era um grande rio, um baixo e o morro era uma ilha. Ela tinha um sentimento com afloramento da sua profundidade geológica das placas tectônicas que vinha formar aquelas pedras. Era como se fosse deuses que viessem de dentro da terra, tá entendendo? Para gerar aquela ilha. Ela sempre teve, desde a pré-história, no meio desse vale, entre suas bordas, esse grande rio invisível, por isso que Padre Cícero chamava de Rio Jordão.

Para Alemberg, o Padre Cícero, ao reconhecer a Serra do Catolé como um lugar especial, demonstrava capacidade e sensibilidade para se conectar com o universo sagrado dos encantados. Nesse sentido, afirma que o sacerdote “[...] tinha uma visão hídrica do Cariri, uma visão geológica, uma visão antropológica do povo que passeava por essa região”.

1.1 “AQUI É PARECIDO COM O HORTO ONDE JESUS FOI CRUCIFICADO”: Padre Cícero e o reencontro com o sagrado

Não é possível assegurar com precisão em que data o Padre Cícero conheceu e adquiriu as terras da Serra do Catolé. Uma pista nos é dada por José Marques da Silva, no livro *Milagres e previsões de Padre Cícero*, segundo o qual o pedreiro de sua confiança, mestre Antônio Ferreira, que conviveu por muitos anos com o sacerdote e sendo vizinho de seu pai, teria lhe contado que, certa vez, Cícero o convidou, assim como a outros amigos, para subir aquela serra e conferir, *in loco*, se lá era como “[...] tinha visto em sonho” (1996, p. 17).

No começo da caminhada, continua o autor, mestre Antônio diz que, chegando ao rio Salgadinho o Padre Cícero parou, observou e comentou: “[...] Daqui do pé desta serra até chegar perto da Capela de Nossa Senhora das Dores, é a largura do Rio Salgado. Este Rio é bem parecido com o Rio Jordão onde São João batizou Jesus”.

Ao chegarem no cume, o mestre diz que

[...] sentaram-se numa das pedras debaixo de um grande e frondoso pé de Tambor, e então o Padre Cícero olhando para o Juazeiro disse: Juazeiro será no futuro, uma grande cidade. Aqui neste lugar, onde nós estamos, é parecido com o Horto onde Jesus foi crucificado.

De lá seguiram para um sítio conhecido como “Veado Frio”, distante uns 3km. Ao chegar ao local, o sacerdote, mostrando-lhes duas pedras sobrepostas, exclama em forma de profecia: “Essas duas pedras, parecem com o Sepulcro onde Jesus foi sepultado” (*Op. cit.*, p. 18). Estava rebatizada a Serra do Catolé. Desde então, passou a ser chamada colina do Horto.

Uma questão importante a ser destacada nessa narrativa está relacionada à forma como o Padre Cícero chegou à Serra do Catolé, qual seja, através de um sonho/revelação. Não será a primeira

vez que o sacerdote terá uma visão do sagrado dessa maneira, segundo a historiografia que trata do assunto. De acordo com a narrativa fundadora de Juazeiro, foi por meio de um sonho/revelação que Jesus Cristo concedeu-lhe a missão de cuidar dos maltrapilhos e pobres do sertão.

Os sonhos têm um importante papel na vida religiosa. A Bíblia está repleta de passagens nas quais Deus se comunica com os profetas através deles. Sendo, portanto, o Padre Cícero um “santo”, “escolhido por Jesus para salvar a humanidade”, nada mais natural que Deus lhe mostre o sagrado através de uma revelação, de uma visão onírica.

Tais narrativas, somadas a centenas de outras que sobrevivem na oralidade, têm a função de demonstrar o poder sobrenatural do Padre Cícero, sua capacidade de comunicação com poderes ocultos, a sensibilidade de identificar e de se conectar com o que é reconhecido como sagrado, enfim, atribuições estas que só podem ser de uma natureza santa do ponto de vista de quem acredita.

É oportuno ressaltar que não existe, até o presente, o conhecimento de algum documento de autoria do Padre Cícero no qual ele faça menção a estes acontecimentos, tudo o que se sabe a esse respeito foi elaborado e escrito por terceiros, pessoas que conviveram com ele ou, ainda, através dos poetas populares que difundiram nos cordéis profecias e milagres do santo “padim Ciço”.

Outra questão que merece ser sublinhada é o significado da denominação da serra, numa explícita alusão ao Horto das Oliveiras, em Jerusalém, onde Jesus foi preso e experimentou momentos de dor, aflição, medo. Para os cristãos o Horto é um lugar de tormento, de sofrimento, mas, também, de reflexão, penitência, oração e resignação.

Toda cidade mística tem um monte sagrado, ressalta o padre Antônio Vieira, em livro intitulado *Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte*, publicado em 1988. Sendo Juazeiro do Norte uma terra santa, conhecida como a “Nova Jerusalém”, sua montanha sagrada é, por assim dizer, o Horto do padim Ciço.

A narrativa do encontro do Padre Cícero com o seu “monte sagrado” não especifica em que data isso teria acontecido. Provavelmente, pode ter-se dado em 1872, ano em que o sacerdote fixara residência no então povoado do Juazeiro, e 1890, quando, juntamente com outros três padres, promete construir uma igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus caso Deus fizesse chover no sertão, findando um ciclo de seca e fome. Em algum momento nesse intervalo de 17 anos, o sacerdote visitou a serra, a rebatizou de Horto e construiu em seu cume uma casa, ainda que pequena, para a mãe e irmãs, refúgio e descanso próprios.

1.2 “INTENCIONO IR FAZER A MINHA MORADA QUASE TODA NO HORTO”: A relação do Padre Cícero com o espaço sagrado da colina

Percebe-se através das cartas escritas pelo Padre Cícero, de depoimentos daqueles que com ele conviveram ou mesmo nos artigos redigidos por visitantes interessados em conhecê-lo, que o Horto representava, para o sacerdote, muito mais que um lugar de repouso. Era o seu ambiente preferido, aquele em que se podia refazer as energias, restabelecer as forças. Era lá onde Cícero desejava passar os dias rezando, recebendo o sertanejo pobre, orientando, vivendo uma vida longe das questões mundanas, dos conflitos e perseguições.

Este desejo é manifestado em 18 de setembro de 1898, quando estava em Roma defendendo-se perante o Santo Ofício das acusações impostas pela Diocese do Ceará e buscando reaver suas ordens sacerdotais, em carta endereçado a sua mãe onde, entre outras notícias, confessa:

[...] o meu desejo é voltar e chegar em casa na hora que menos me esperem. E como desejo viver uma vida retirada depois de tanta luta e tanta angústia, intenciono ir fazer a minha morada quase toda no Horto e lá mesmo celebrando quase a maior parte dos dias. [...] querendo Deus, viver desconhecido e

reservado até quando N. Senhor fizer-me a caridade de chamar-me. Si eu não queria nada do mundo agora ainda estou querendo menos (SOBREIRA, 1969, p. 99-100).⁷

Esta carta/desabafo de um filho para uma mãe, escrita com as tintas da saudade e movida pelo sentimento de injustiça por estar tão longe de casa há tanto tempo por motivos que, na sua compreensão, não se justificavam, posto sempre ter defendido e agido conforme os preceitos de sua religião, revela também a pretensão de viver como um sacerdote comum, num lugar isolado, desconhecido e distante das disputas e assuntos que não fossem, somente, aqueles do seu Deus.

Animado pela ideia de fazer do Horto um lugar de retiro espiritual, solicita à mãe que convoque o mestre de obras, “Seu Antônio”, para que este prepare a sala da casa do Horto fazendo um altar e deixando-a como uma “[...] capelinha suficiente para celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Si José Lobo e a Irmandade de Coração de Jesus combinar colloca-se lá a Imagem do Sagrado Coração de Jesus e senão o oratório de nossa casa que obtive a faculdade de celebrar lá”.

Amália Xavier de Oliveira, afilhada e filha de um grande amigo do Padre Cícero, com quem viveu o cotidiano de sua casa por mais de 30 anos, publicou, em 1969, o livro *O Padre Cícero que eu conheci*, no qual compartilha as lembranças e histórias que viu, ouviu e viveu sobre o que chama de “verdadeira história de Juazeiro do Norte”.

Diz a autora que viu o Padre Cícero subir a ladeira do Horto muitas vezes

[...] à meia noite, num belíssimo cavalo. O beato José puxava no cabresto ou rédea; Joana da Hora caminhando ao lado com uma lamparina de querosene firmada na cabeça; Maria das Malvas com uma ces-

7 Grifo meu.

ta conduzindo o Breviário, objeto de toilette, etc. As outras acompanhantes eram sempre: sai Umbelina, sai Águida e alguns que como estas adivinhavam que meu padrinho ia para o Horto naquela noite. Lá ficava semanas a fio (p. 53).

Durante a estada do sacerdote no Horto, comenta a autora, o povo, diariamente, subia a ladeira para rezar o rosário da mãe de Deus, ouvir conselhos e receber sua bênção.

Entre as várias recordações registradas conta que, certa vez, obrigada pelo sacerdote a passar uma temporada no Horto para curar uma anemia, pois, segundo ela, o padre considerava os “ares de lá bom para a saúde”, estavam sentados à mesa para o jantar que era servido às 15h. Naquele dia, uma das beatas que residia na casa e cuidava da alimentação do sacerdote, de nome Gerônima e apelidada de Giluca, preparou-lhe arroz cozido ao leite com a recomendação de que comesse tudo. O sacerdote, em companhia do fiel amigo, o cachorro “Capucho”, com o prato já servido separava a metade, comia uma parte e a outra passava para ela advertindo-a: “[...] coma; mas não diga que não fui eu quem comeu” (p. 23).

Entretanto, não era só sossego e oração que o Padre Cícero buscava no Horto. De lá, escrevia para as autoridades solicitando que socorressem o povo pobre enviando-lhe auxílio, como o fez durante uma das grandes secas do Ceará, em 1915, ao telegrafar para o amigo e deputado estadual, Floro Bartholomeu da Costa:

[...] Faça esforço telegrafando Governo salvar vidas mandando já trabalhos, socorros públicos. Aqui se-pultam todos dias de pura fome. Outros caídos ruas, caminhos. Socorros agenciados todos Estados nada vem aqui. Cem contos nossa direção salvaria muito em quanto vem inverno, plantações. Faça esforço. Todo Brasileiro, Cearense tem direito reclamar. Seu amigo Pe. Cícero. Horto 11 novembro 1915 (DHDPG).

Noutro período de crise, em 1918, quando o mundo vivenciou a primeira pandemia moderna conhecida como “gripe espanhola”⁸, o Padre Cícero, que ocupava o cargo de prefeito de Juazeiro, viu-se acometido pela doença fazendo seu isolamento social no casarão do Horto, conforme informa em carta endereçada ao amigo, Pe. Frederico, do Rio de Janeiro:

[...] A influenza espanhola também visitou-me, estou em convalescência em nossa casa no Horto, um sitio uma meia legoa da Cidade do Joazeiro. Está desde Fortaleza aqui em todo o Estado e nos Estados vizinhos cobertos desse flagello. Estaremos no começo do Fim? Deus nos responda. Oremus ad invicem. (CASIMIRO, 2012, p. 807-808).

Percebe-se através destes documentos e narrativas, que o Horto se apresentava para o Padre Cícero como um lugar diferenciado, especial, onde desejava fazer sua morada definitiva se não tivesse que cumprir uma missão que, acreditava, lhe teria sido dada por Deus.

Um indicativo muito forte da relação do Padre Cícero com o Horto enquanto espaço sagrado, de penitência, arrependimento, oração, está assentado nos idos de 1889, quando a região sofria com as consequências e mazelas de mais um ciclo de seca. Preocupado com a situação, promete construir uma igreja e consagrá-la ao Coração de Jesus se Deus tivesse piedade do povo e fizesse chover, livrando os mais pobres de outro período de fome e miséria.

8 Sobre a gripe espanhola no Cariri Cearense vê o artigo: “**EM TODA PARTE SÓ SE OUVIA FALAR EM MORTE**”: a gripe espanhola no Cariri (1918-1919). Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/831/890.

1.3 A PROMESSA: Um bom inverno em troca de uma grande igreja

No final do século XIX, o sertão sofria com constantes e prolongadas secas. Esquecidos pelo Estado e sob o domínio e exploração dos latifundiários de então, o povo sertanejo vivia em plena situação de miséria e de fome, sujeito às epidemias e outras adversidades (MARTINEZ, 2000; NEVES, 2000; REIS JÚNIOR, 2014).

Nos anos de 1877-1879, o Ceará registra mais uma fase de estiagem rigorosa. Na região do Cariri cearense, o estado de calamidade pública era relatado em cartas enviadas ao bispo diocesano por padres da região. Numa delas, o padre José Tavares Teixeira, de Assaré, ao pedir permissão para mudar-se de Santana do Cariri, relata: “Aqui, Exmo. Sr., estamos no maior grau de miséria, pois já duas infelizes mulheres acham-se presas por haverem, uma comido um irmão e outra a um próprio filho”!

Em 1890, a população caririense, ainda traumatizada com os horrores vividos nos anos de 1877-1879, já sentia os nefastos efeitos de uma nova seca. No começo do ano, aterrorizados com a falta de chuva, padres se uniram ao povo e em “[...] romarias de penitência de uma cidade a outra; levavam as imagens aos campos suplicando que fizesse cair do céu a chuva” (OLIVEIRA, 1969, p. 61).

Os meses passavam sem que nenhum sinal de chuva trouxesse a esperança de um bom inverno. Em seu testamento, Padre Cícero afirma: “[...] apavorados com resultados da seca de mil oitocentos e oitenta e nove (1889) receamos, aliás, com razão justificada que o ano de mil oitocentos e noventa (1890) fosse também seco” (Machado, 2001, p. 55). Ele, então capelão do Juazeiro, o vigário da paróquia São José, em Missão Velha, Manoel Félix de Moura, o vigário da paróquia Nossa Senhora da Penha, em Crato, Antônio Fernandes Távora e o reitor do seminário São José, também no Crato, Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, se unem numa última súplica prometendo que se Jesus enviasse chuvas para o sertão, impedindo mais um ciclo de seca, faria no alto da colina do Horto uma igreja dedicada ao Coração de Jesus.

Oliveira afirma que no dia seguinte à promessa dos padres,

[...] quando menos se esperava, em pleno dia de sol ardente, às duas horas da tarde, por milagre ou por coincidência, subitamente caíram chuvas abundantes que só pararam na manhã do dia imediato. Foram tão copiosas, que na mesma noite todos os açudes sangraram, alguns se arrombaram, e os rios transbordaram, alagando todos os brejos e estradas, havendo por consequência, um bom inverno produtor de fartura nos celeiros (*Op. cit.*, p. 71).

Aos olhos de todos, mais um milagre acontecia na Terra da Mãe de Deus. O Coração de Jesus se compadecia do sofrimento do povo pobre e atendia ao pedido do Padre Cícero.

Vale ressaltar que não foi a primeira vez que uma promessa desse tipo havia sido feita. Em 1878, ano em que o Ceará era assolado por uma das piores secas da história, D. Luís Antônio dos Santos, seu primeiro bispo, dedicou toda a província ao Sagrado Coração de Jesus, prometendo que, passada a seca, edificaria, em Fortaleza, uma grande igreja em sua homenagem, “[...] num ato solene de reparação pelos pecados do homem [...]” (DELLA CAVA, 2014, p. 78).

A promessa dos padres caririenses não destoava dos dogmas e práticas da Igreja Católica vigente. Porém, algumas questões marcam o seu cumprimento, tornando-a um dos pontos nevrálgicos da relação entre a igreja do Juazeiro e o clero cearense.

Chamamos atenção para a data da promessa — início de 1890 —, portanto, quase um ano depois da primeira ocorrência da transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo, em 1º de março de 1889. O fato, embora pareça sem importância, se reveste de um significado maior, se considerarmos que, conforme demonstra Pinho, havia “[...] relatos de ‘fatos extraordinários’ ocorridos com Maria de Araújo pelo menos desde 1885” (2019, p. 66).

Outro dado a considerar é que, ainda segundo Pinho, em 1890 as notícias dos milagres do Juazeiro já estavam amplamente divulgadas na imprensa de quase todas as províncias do Brasil. Ou seja, já tinham extrapolado os limites do povoado e da região, sendo discutidas tanto na oralidade quanto em vários jornais.

Tais observações são dignas de nota, pois no ano em que é feita a promessa, já estava instaurado o movimento religioso no povoado do Juazeiro, àquela altura dos acontecimentos conhecida como “Nova Jerusalém” (Diário de Pernambuco - PE, Nº 194, 29/08/1889, p. 3). Isso é fundamental para entender toda a polêmica que vai se desenvolver em torno da construção da igreja no Horto.

1.4. “PROMESSA É DÍVIDA”: A saga da construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus no alto da Colina do Horto

No sertão há um ditado popular, que diz: “promessa é dívida”. Portanto, uma vez tendo sido atendido o seu pedido, Padre Cícero trata de cumprir a promessa, dando início ao projeto de construção da nova igreja. O cumprimento, no entanto, não será fácil de concretizar. Vista pela hierarquia da Igreja Católica, no Ceará, como uma obra que alimentava o fanatismo dos sertanejos e a crença na natureza sobrenatural do Padre Cícero, o contexto é considerado perigoso para a manutenção da ordem e dos dogmas da instituição.

A primeira polêmica estabelecida nesse tocante se deu em torno da obtenção da licença para dar início às obras, concedida pelo vigário do Crato, padre Antônio Alexandrino de Alencar, conforme menciona em carta endereçada ao bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, em 9 de setembro de 1893:

[...] Cumpre-me comunicar a V. Excia. o seguinte. No começo de julho do corrente ano, enderecei, em nome de José Bezerra Juca, uma petição de licença para a construção de uma Capela no sítio de sua velha mãe d’ele. Veio a licença e o concessionário, querendo construir a Capela perto da residência da

velha mãe, disse o Padre Cícero. = não constrói aqui, mas no fundo do sitio que eu dar-lhe-ei grande ad-jutório = Ouvindo estas palavras, o dito concessio-nário anunciou a vontade do Padre o qual, em vez de aceitar o risco de uma pequena Capela que eu havia dado, marcou uma Igreja de bom tamanho, que pretende construir tendo o referido concessionário por impossibilidade pecuniária abandonado o servi-ço, hoje somente à cargo do Pe. Cícero. O lugar da Capela é em cima de uma serra, distante meia légua do Juazeiro (DHDPG).

Vê-se que o padre Antônio Alexandrino denuncia a mudança de postura do Padre Cícero relacionada à natureza da licença concedida para a edificação do templo, esclarecendo que tratava-se de uma licença para construção de uma capela e não de uma igreja. Menciona, também a mudança do lugar originalmente demarcado para sua construção. Afirma, ainda, que em decorrência das modificações, feitas com o aumento do custo inicial da obra, seu parceiro, José Bezerra Juca, em nome de quem foi outorgada a autorização, desistiu da parceria, ficando o projeto apenas sob a responsabilidade do sacerdote. Percebe-se, nesse ínterim, que a construção da igreja no alto da colina, já em andamento, será ponto de tensão entre a Igreja do Ceará e aqueles que defendiam a veracidade dos milagres do Juazeiro.

A concessão, conforme afirma o padre Alexandrino, teria sido dada em julho de 1893. Portanto, no contexto de instauração da chamada “questão religiosa do Juazeiro”, na qual o bispo dom Joaquim declara que o sangue derramado da boca da beata Maria de Araújo após a comunhão não era “[...] nem podia ser o sangue de Cristo”. Na ocasião, exigira a retratação pública dos padres e religiosos que haviam manifestado alguma credulidade nos fatos, sob pena de cassação das ordens e até de excomunhão, proibindo a adoração dos panos ensanguentados. A reação previa também sanções e punições, além da condenação do que o bispo considerava fanatismo, qual seja, o tipo de religiosidade praticado no po-

voado, inclusive a forma como os romeiros tratavam a construção da igreja do Horto.

Com a licença concedida, tratou o Padre Cícero de adquirir o terreno — uma parte fora comprada, outra doada — e dar início, naquele mesmo ano, ao cumprimento da promessa, autorizando a feitura dos alicerces da futura Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no alto da Colina do Horto (OLIVEIRA, 1989, p. 62).

Na construção do templo, homens e mulheres, adultos e crianças, agradecidos pela graça obtida, começaram a trabalhar em regime de mutirão, carregando cal, pedras, água e todo material necessário. Os mestres de obra responsáveis pela construção da igreja foram Antônio Eduvirgens, Vicente Grande e Manôel Correia, homens simples que acreditavam integrar um projeto divino, não só por se tratar do que consideravam fruto de um milagre, uma bênção advinda da promessa dos sacerdotes, mas, igualmente, porque era a construção de uma igreja no monte sagrado e idealizado pelo seu “padim Ciço”.

A crença na natureza sagrada do templo pode ser percebida através narrativas dos milagres ocorridos durante a construção da igreja, propagados oralmente, contados e recontados. Num desses eventos, narrado no livro *Juazeiro de ontem e de hoje*, de Vicente Ribeiro Sobrinho, consta que um dos mestres, Manôel Correia, teria sofrido um acidente, caindo do andaime. Ao saber do ocorrido, o Padre Cícero pergunta-lhe:

[...] — Manôel quer morrer e ir pro céu ou quer continuar minha obra?

Ele respondeu:

— Meu padrinho eu quero viver e terminar sua Igreja. E escapou. Morreu bem velhinho no Salgadinho, onde morava (2007, p. 31).

Padre Joaquim Marques Alencar Peixoto, num capítulo do livro *Juazeiro do Cariry*, publicado em 1913, intitulado “Igreja-Arca”, conta que durante a construção do templo o Padre Cícero dizia aos homens e mulheres:

[...] É preciso continuarmos com os trabalhos da Igreja do Horto. Nossa Mãe das Dores assim o quer, e assim, por mais de uma vez, mo tem revelado. À obra, pois, à obra de Deus, meus amiguinhos! Quem sabe si não havemos de nos escapar ali de um enorme aguaceiro semelhante ao dilúvio?! Ah! Quem sabe? À obra de Deus, ainda uma vez, pois, meus amiguinhos! (p. 36).

Para o autor, o sacerdote se vale de um determinado recurso narrativo — a obra foi uma revelação de Nossa Senhora das Dores, portanto, uma obra de Deus — no intuito de concretizar a realização do seu sonho. Nesse sentido, dizia o Padre Cícero, aquele que trabalhasse com afinco seria salvo do dilúvio que inundaria e destruiria o mundo mais uma vez, assombrando, amedrontando e obrigando os devotos a trabalharem gratuitamente na construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Horto.

Outros escritos ressaltam que não era apenas mais um trabalho, mas um ritual religioso, uma espécie de oração, uma celebração divina. Todos aqueles que acreditavam e participavam desse processo estavam em estado de graça com Deus, integrando-se ao sagrado. Por isso, tudo se realizava no âmbito de uma atmosfera festiva e profundamente ritualizada, conforme afirma Joaquim Pimenta num artigo publicado em 1940, na revista literária *Dom Casmurro*, intitulado “Como eu vi o Padre Cícero”. O autor narra uma visita que fizera ao Cariri no começo do século XX, descrevendo seu encontro com o sacerdote e as impressões que tivera ao visitar Juazeiro. Durante a estadia no povoado, foi convidado pelo padre para conhecer a Serra do Horto. Na subida da ladeira, afirma:

[...] deparamos um grupo de homens, mulheres, crianças, sujos e maltrapilhos, conduzindo latas, potes, cabaças de todos os tamanhos e feitios, puxado por uma banda de música: dois pífanos, um bombo e um tambor; na frente, um beato empunhando a bandeira. Iam buscar lá em baixo, em uma lagoa, água

para amassar o barro necessário à construção do templo. Mas, não paravam ali; primeiro, seguiam até a Matriz onde entravam cantando benditos. Minutos após, saíam, apanhavam o líquido e, ao som daquela singular orquestra, transpunham contentes a ladeira ingrime (PIMENTA, *in*: DOM CASMURRO - RJ, N° 144, 06/04/1940, p. 05).

Por se tratar de um espaço sagrado, o material para a construção da igreja também teria de ser sacralizado. Nesse sentido, os construtores desenvolveram um tipo de cerimônia na qual, em procissão, tendo à frente um beato carregando a bandeira do Divino, passam diante da matriz para apresentar seu trabalho e receber as bênçãos da Mãe das Dores.

Percebe-se no testemunho de Joaquim Pimenta que a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus transcorria dentro de um contexto de devoção e religiosidade popular com rituais não ortodoxos, algo que não agradava à hierarquia da Igreja do Ceará, uma vez que condenava os fatos do Juazeiro e reprovava a forma como milhares de romeiros chegavam ao povoado praticando sua fé.

Em 1896, o bispo dom Joaquim impõe a primeira interdição das obras da igreja, que já contava com os alicerces e paredes de 10 metros de altura. Em carta dirigida ao padre Antônio Alexandrino, datada de 13 de abril, dom Joaquim solicita que o vigário do Crato entregue ao Padre Cícero a portaria, suspendendo-o de celebrar o “Santo Sacrifício da Missa”. Diz mais:

[...] Constando-nos também que o mesmo sacerdote está construindo uma Igreja ou capela nas imediações do Juazeiro, sem prévia autorização nossa in scriptis e sem condições exigidas pelo Decreto Canônico, haja V. R^{ma} de declarar-lhe que nós não consentimos na continuação desta irregularmente iniciada (CASIMIRO, 2012, p. 712-713).

Dias depois, em 28 de abril, o padre Alexandrino envia um ofício ao Padre Cícero, informando:

[...] Em cumprimento de ordem terminante do Exmo. e Revmo. Sr. D. Joaquim José Vieira, Bispo Diocesano, exarada em ofício a mim dirigido em data de 13 de abril do corrente ano, remeto a V. Revma a Portaria inclusa; e declaro que pelo Exmo. Sr. Bispo, foi proibido a continuação da obra da capela; que sob a denominação de Horto V. Revma. está construindo [...] próxima do Juazeiro como verá do original do mencionado ofício que juntamente remeto a V. Revma. (Pasta Legião da Cruz, doc. 15 - DHDPG).

No dia seguinte, o vigário do Crato escreve ao bispo, informando que o sacerdote recebeu o ofício com a notificação da portaria de suspensão das ordens e da proibição de continuidade das obras da capela. Afirma, ainda, que o portador lhe contou que “[...] o Padre Cícero abriu o envelope que continha todos os papeis, leu um pouco e depois debulhou-se em lágrimas” (CASIMIRO, 2014, p. 715).

A alegação do bispo diocesano de que a construção da igreja não tinha autorização por escrito, nem as condições exigidas pelo Decreto Canônico — daí sua suspensão —, deixou o Padre Cícero surpreso e indignado.

Em carta enviada ao compadre e amigo José Bezerra Juca, datada de 20 de outubro de 1897, cobra esclarecimentos sobre a questão da licença:

[...] Desde muito que tinha vontade de escrever-lhe sobre a licença que você me disse que tinha passada pelo Sr. Bispo para a construção daquela Capella do Horto; que sem esta licença por escripto eu não começaria o seu trabalho, você affirmou-me que tinha a dita licença requerida e alcançada pelo Pe. Monsenhor Antonio Alexandrino, Vigário do Crato; entretanto o Sr. Bispo que deu, segundo o que você me disse, a licença, me persegue mandando esbarrar a continuação da dita Capella, affirmando e allegando em Portaria a mim dirigida que não deu a licença e allegando como uma das causas da perseguição sem trégua que me fazem. E assim, você concorreu para

me perseguirem, me afirmando ter a dita licença sem a ter. Espero que me responda alguma coisa que pelo bom conceito que de você faço, não creio que tivesse me iludido (DHDPG).

Noutras palavras, assevera que somente começou a construção da igreja por ter sido informado que o vigário do Crato, monsenhor Alexandrino, havia recebido a devida licença, pedindo ao amigo que esclarecesse o assunto, pois de outra forma ele teria ajudado o bispo a lhe fazer uma “perseguição sem trégua”. Na mesma correspondência, lembra que o padre Alexandrino marcou o lugar da igreja declarando a todos que “[...] ainda depois da mesma suspensão pela tal Portaria ele, Vigário, declarou que tinha em sua mão a dita licença”. Constata-se que na mensagem, o próprio monsenhor Alexandrino admite ter concedido a licença. Porém, para a construção de uma capela, não de uma igreja.

Em meio a tantas polêmicas, a mobilização popular em torno da edificação do templo religioso não cessava. Além do trabalho voluntário, foi confeccionado um tipo de relicário que, conforme notícia veiculada no jornal fortalezense *A República*, em 10 de março de 1897, era vendido para angariar dinheiro com vistas à construção da igreja.

A matéria intitulada “Relíquias do Juazeiro”, em tom de denúncia, diz: “[...] A árvore do fanatismo plantada há uns oito anos pelo inconsciente Padre Cícero e pela histórica Maria de Araújo, na povoação do Joazeiro, floresce ainda e continua a dar nocivos frutos”. Rotulando o povoado de “[...] escola de perversão moral e religiosa [...]”, afirma ter recebido de um cavalheiro recém-chegado de lá uma “[...] relíquia que tem valido ao seu autor uma avultada fortuna”.

No tocante à descrição da relíquia, diz tratar-se de uma

[...] banda de papel almaço, tendo pintado numa das faces um cruzeiro e na outra uns pequenos quattras, à guisa de planta de Igreja.

Abaixo do cruzeiro lê-se a seguinte quadra, cuja ortografia conservamos para maior ludíbrio dessas tresmalhadas almas que tão parvamente se deixam enganar:

“Jesus amantíssimo
Que na cruz morrestes
Salvai minha alma
Por quem padeceste”

É encimada pela pretensa planta da Igreja do horto, lê-se a oração que se segue:

Marca da igreja do horto a onde N. S. J. C — Sangue que correu pela terra esta igreja é a formatura tem 12 portas, 3 para banda do nascente, 3 para banda do poente, 3 para banda do Sul, 3 para banda do norte, estas 12 portas significa os 12 apóstolos de J. C. pede o sr. Padre Cícero que se reze um p-n (Pai Nosso) e uma a-m (Ave Maria) e ofereça ao Coração de Jesus em intenção da Igreja do Horto para que Deus venha com o céu divino puder nos ajudar acabar esta Santa igreja (A REPÚBLICA - CE, Nº 56, 10/03/1897, p. 04).

A relíquia, conforme informa o periódico, era vendida pela importância de 2\$000, acrescentando que “[...] No Juazeiro, quem não traz a tal relíquia ao pescoço, cuidadosamente encaixilhada num relicário ou embolsada num pedaço de pano, é considerado herege e como tal exposto às iras do populacho fanatismo”!

Para o autor da matéria, a construção da igreja representa a materialização do “fanatismo” criado e difundido pelo Padre Cícero em conluio com a beata Maria de Araújo, com o intuito de enganar, ludibriar e aproveitar-se financeiramente do povo pobre e ignorante.

Resistindo a todas as acusações e penalidades, Padre Cícero, ainda que declarando manter um “silêncio obsequioso”, se pronunciou: “[...] sem detrimento de minha consciência eu não posso negar a verdade e sinceridade do que fui testemunha [...]” (CASIMIRO,

2012, p. 67).⁹ Movido pela mesma força, não desistiu de cumprir a promessa. Em 1898, quando esteve em Roma para defender-se perante a Santa Sé, encaminha uma petição escrita em italiano ao Cardeal Parocchi, solicitando a licença para sua construção:

1898-09-20 Do Padre Cícero Ao Cardeal Parocchi (em italiano)

Eminentíssimo e Reverendissimo Signore Cardinale Lúcido Maria Parocchi Il Sacerdote Cícero Romão Baptista desiderando erigere una piccola chiesa in princípio daquelle giá há despesa uma somma relevante, in uma proprieta sua denominata Horto, in Paróccia di Crato, Diocese de Fortaleza, Brasile per bene dei fideli, ad majorem Dei gloriam a comprimenrnto di um voto, dedicata al Sacro Cuore de Gesù, chiede umilmente a V.Enza Reverendíssima — la faculrra de erigerla, lasciando allá disposizione Del Diocesano la beenedizione della Stella dopoeretta.

Della V.Eminenza Revma

Illustrissimo Signore Cardinale

Roma 20 settembre 1898

S. Carlo al Corso.¹⁰

Convém salientar, no documento, que Padre Cícero se refere à edificação de uma “igrejinha”. Entretanto, ao receber uma resposta positiva do cardeal, traz de Roma a planta de um templo grande, com doze torres e capacidade para receber milhares de fiéis. Ou seja, se tivesse sido construída, seria a maior igreja do sertão brasileiro.

9 Grifo meu.

10 Tradução para o português: Eminentíssimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Lúcido Maria Parocchi O Padre Cícero Romão Baptista desejando erigir uma igrejinha em princípio com o que já tem um valor relevante, em sua propriedade chamada Horto, na Paróquia do Crato, Diocese de Fortaleza, Brasil para bem ad majorem Dei gloriam a comprimento de um voto, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, pede humildemente a V. Enza Reverendíssima — a faculdade de erguê-la, deixando à disposição do Diocesano a edição da Estrela após a ereta.

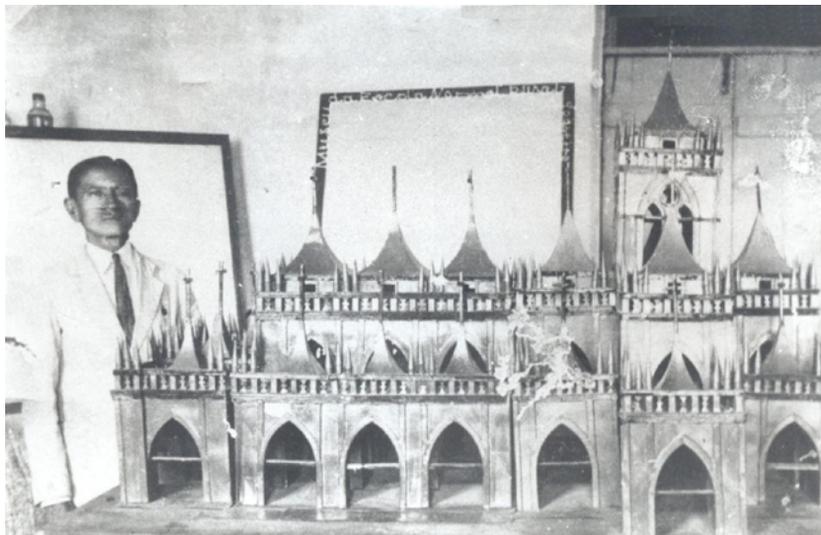
Da Eminência Revma

Ilustre Senhor Cardeal

Roma, 20 de setembro de 1898.

Ao chegar em Juazeiro em 1898, encomenda ao artesão, Pedro Coutinho, uma maquete em flandres, retomando os trabalhos de construção.

Figura 3 - Maquete da Igreja do Sagrado Coração de Jesus a ser construída no Horto



Fonte: Acervo Renato Casimiro/Daniel Walker.

Em 1903, quando a construção da igreja transcorria normalmente, a obra é mais uma vez embargada por determinação do bispo diocesano. Ao vigário do Crato, o então padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, é enviado um novo ofício proibitivo, cuja resposta se deu logo em seguida:

[...] Tenho a honra de comunicar a V. Exa. Rvma. que levei ao conhecimento do reverendo pe. Cícero Romão Baptista ofício d V. Exa. Mandando suspender as obras da Capela que aquele sacerdote estava construindo perto da povoação do Juazeiro, e ele me respondeu que obedecia prontamente a V. Exa., suspendendo o serviço, o que efetivamente fez (CASIMIRO, 2012, p. 778).

Dom Joaquim justifica a decisão:

[...] não posso com consciência, salvo ordem superior, permitir que se continuem as obras da chamada Capela do Horto, por que a continuação destas obras faria de algum modo a sanção ao princípio falso de que ele originou-se e daria azo à continuação das tropelias e torpezas dos tais irmãos da Cruz, cujas façanhas e escândalos não lhe são desconhecidos. Para se apreciar o espírito de rebeldia do Pe. Cícero, basta pondera-se que, tendo sido proibida a continuação desta obra sem autorização minha (*Op. cit.*, p. 779-780).

Persistente no seu desejo de cumprir a promessa feita, Padre Cícero tenta, mais uma vez, obter autorização para a Igreja do Horto, apelando para o núncio apostólico do Brasil e o arcebispo de Pharsalia, Monsenhor Alexandre Bavona, em 1907. O núncio, naquilo que lhe concerne, envia ao bispo do Ceará, dom Joaquim, uma carta informando o pedido do sacerdote e solicitando informações sobre o caso.

Como resposta, dom Joaquim, em 20 de dezembro daquele ano, faz um relato acerca da questão religiosa do Juazeiro e da personalidade do Padre Cícero, afirmando ser ele um “[...] Sacerdote de costumes puros, e dado a exercícios de piedade, mas é de temperamento original em suas idéias”.

Quanto à licença para a continuidade das obras, explica:

[...] Há tempos começou o Pe. Cícero a edificar a tal Capela do Horto, sem me pedir a devida licença e sem observar as prescrições canônicas a tal respeito. Proibi a continuação desta obra, que ficou sustada. O Pe. Cícero exerce extraordinária influência sobre o povo ignaro e fanático das dioceses circunvizinhas, que vem em romaria ao Juazeiro, atualmente muito aumentado, e traz muitos donativos ao mesmo Sacerdote que hoje está rico, segundo somos informados. Em resumo, o Pe. Cícero Romão Baptista não reside em tal lugar chamado Horto, mas sim no Juazeiro onde há uma boa Igreja e celebração da Santa Missa

e a administração dos Sacramentos; o que lhe pede é um pretexto para dar importância ao projeto da tal Capela. Será bom que V. Excia. Revma. esteja prevenido a respeito do Pe. Cícero, que com quanto tenha boas qualidades, todavia é teimoso e sofista.

O texto traz algumas informações distorcidas no intento de induzir o cardeal a negar o pedido do Padre Cícero, assim como insinuar que não houve, por parte do sacerdote, um pedido formal de licença. Numa carta escrita em 1893, citada anteriormente, o próprio pároco do Crato, padre Antônio Alexandrino, afirma ter obtido o consentimento de dom Joaquim para a realização do projeto. Outra discrepância flagrante diz respeito ao fato de Padre Cícero não residir no lugar em que gostaria de construir a igreja, quando, na verdade, o sacerdote passava boa parte de sua vida na casa do Horto.

Apesar de insistir em busca da autorização de dom Joaquim desde 1903, quando o bispo impõe uma nova interdição das obras, a igreja, cujas paredes já estavam levantadas, são mantidas, representando para o romeiro mais um símbolo de fé e devoção. Pois, do mesmo modo que Jesus foi perseguido, humilhado e condenado injustamente, sofrendo no Horto das Oliveiras seu martírio, Padre Cícero, igualmente, estava cumprindo seu calvário, sendo proibido de exercer as ordens sacerdotais e não podendo, sequer, cumprir a promessa que fizera ao Sagrado Coração de Jesus.

Dessa maneira, o Horto passa a representar cada vez mais um lugar de penitência, oração, devoção. Beatos e romeiros buscam no alto da colina integrar-se ao que consideram sagrado, lá criando grupos de penitentes e rituais religiosos que não são bem vistos pela ortodoxia católica.

Em 1910, o padre Quintino relata ao bispo que o

[...] Horto estaria convertido ou elevado a Santuário do “Bom Jesus do Horto”, e o italiano Elias que conservando ali num casebre, à guisa de oratório, um quadro do Coração de Jesus e outros, explora largamente, à vista do Pe. Cícero, a credence de muita

gente, que não obstante as instruções do Parocho da freguesia, lá se vão cumprir votos, teria ensejo de fazer melhor collecta, não sei se para algum dividendo.

As ruínas de uma igreja não terminada fomentaram mais ainda o imaginário dos devotos, surgindo em torno dela vários tipos de crença, pœsias populares, benditos que, ao longo de décadas, foram ganhando novos significados, confirmando e consolidando para os seguidores do Padre Cícero a sacralidade daquele espaço da serra do Horto.

Se para os devotos o lugar se tornou um símbolo de fé, de devoção, para jornalistas, intelectuais e autoridades que visitavam o Padre Cícero, em Juazeiro, as ruínas da imponente Igreja do Horto despertavam curiosidade e admiração, ao mesmo tempo que denotavam a ignorância e o fanatismo de um povo rude, analfabeto, primitivo.

Na imprensa, artigos eram publicados ressaltando os rituais e crenças em torno do Horto, da igreja proibida e do poder sobrenatural do Padre Cícero, como os do jornalista Gustavo Barroso, publicados em 1921, no periódico carioca *O Jornal*, numa coletânea de quatro textos intitulados PADRE CÍCERO E O FOLK-LORE, nos quais analisa os benditos, os milagres, os fatos históricos e a igreja em si.

Barroso explica, de forma deturpada, os motivos que levaram Padre Cícero a construir a igreja no alto da colina do Horto:

[...] Devido ao grande número de peregrinos, o Padre Cícero resolveu construir no cume de um cerro, ao lado do Juazeiro, uma grande Igreja, porque a antiga capela da povoação não condizia mais com os progressos da mesma, nem abrigava bem todos os fiéis. De esmolas e com esforço ingentes, trabalhando todo o mundo — homens, mulheres e crianças — construiu-se a celebre Igreja do horto, cujas paredes, dizem, espessas e profundamente alicerçadas, fazem dela verdadeira fortaleza, mais formidável do que a que foi o último reduto da gente do conselheiro. Afirmam que essas muralhas tem, na base, mais ou menos, quatro metros de largura!

Em seguida, esclarece que sua intenção não é discutir a construção, e sim, o “folclore” que existe em volta dela, citando um poema cuja autoria apresenta o pseudônimo “Matuto Cantador”, no qual o poeta discorre sobre a Igreja do Horto:

Cícero Romão Baptista
Formou esta obra santa,
Deu-lhe o risco e deu-lhe a planta,
E por Deus a administrou.
Este padre Evangelista
Distrae o nosso desvario
Com o seu santo sumário
E a salvação nos alega
Por fim, com Cristo navega
E a Cruz do Monte Calvário”

Formou esta obra santa
Em forma de uma Igreja,
Bendito, louvado seja
Quem lhe deu o risco e a planta!
E quem a ela se adianta,
Com o seu santo Rosário,
Mesmo cego, louco ou vario,
Pede a Deus que lhe amostre
Um meio como se mostre
A cruz do Monte Calvário!

Parece o monte oliveira,
Onde a obra se formou,
No monte se edificou
Sem levar telha ou madeira
Luminosa Padroeira
Com a chave do sacrifício
Na salvação amostrou
Pois seu filho se prostrou
Na cruz do Monte Calvário.
Este monte vem a ser
Aonde Jesus orou
E o anjo o fortificou
Para o cálix beber
E nos tormentos sofrer

O MONTE SAGRADO:

De sítio ritualístico religioso do homem Kariri ao horto sagrado do Padre Cícero

Com vigor extraordinário!
Se esse santo preparo
Concorre à nossa reza,
Sabereis o quanto peza
A cruz do Monte Calvário.

Quem a vê, vê o Senhor Morto,
Todo ferido e chagado,
Foi por nos crucificado!
Depois que orou no Horto
Satanaz se vendo solto
Formou planos salafrarios
Com senadores falsários,
Anciões, juiz do povo,
Levaram Cristo de novo
À cruz do Monte Calvário.

Pilatos lavou as mãos,
Mostrando-se inocente.
Ainda hoje há semente
Dessa mesma geração...
E é essa a causa, a razão
Dos padres serem contrários,
Vigários contra vigários
Ministros contra ministros...
E assim levaram Cristo
À cruz do Monte Calvário.

Os versos apresentados pelo articulista possivelmente são do poeta popular João Mendes de Oliveira (1890-1918), um paraibano que residia em Juazeiro do Norte, conhecido como “O Cantador de Juazeiro”. Ao finalizar o artigo, Barroso ressalta:

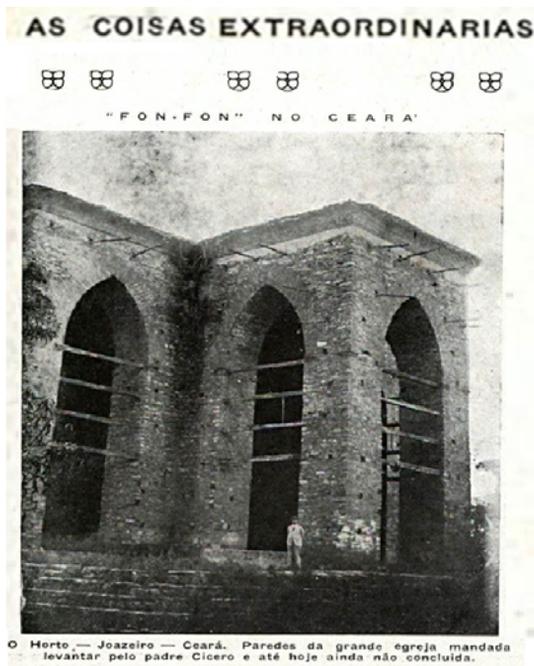
[...] A Igreja do Horto tem um nome de encomenda, que lembra o Gethsemani e as angustias do Cristo; e os versos do troveiro comparam a este o Padre Cícero, dominador e regedor da Nova Jerusalém. [...] O título da Igreja do Horto, Igreja onde ora o Padre Cícero, é significativo do que o povo do Juazeiro quer de verdade que ele seja [...].

Também Mário de Andrade, conhecido escritor, romancista, pesquisador das manifestações populares, em palestra proferida e publicada no *Diário Nacional de São Paulo* (Nº 299, 28/06/1928, p. 08) sobre a música brasileira, destaca, no tópico relacionado à música religiosa, os benditos entoados pelos romeiros do Padre Cícero, apresentando a seguinte estrofe de um desses cantos:

A igreja do Horto
É feita de pedra,
Tem mais de mil cedra (sedula)
No pé do Cruzeiro
Nosso Pai verdadeiro
Esse ninguém vê
Onde é o Juazeiro

Além de crônicas e artigos, fotos das ruínas eram publicadas em revistas de circulação nacional, como se vê abaixo:

Figura 4 - Foto das ruínas da igreja do Horto publicada na Revista Fon Fon - RJ



Revista FON-FON - RJ, nº 24, em 12/06/1925, p. 34

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As ruínas da igreja interditada passam a ser consideradas mais um símbolo da religiosidade do Juazeiro e da devoção ao Padre Cícero. Em 1944, são demolidas em cumprimento às ordens dos padres salesianos, sob a justificativa de preparar o lugar para as comemorações do centenário de nascimento do sacerdote.

No final da década de 1960, a saga de construção da Igreja do Horto chega ao teatro brasileiro através da peça *A Construção*, de autoria do teatrólogo alagoano Altamar de Alencar Pimentel e montagem do grupo *A Comunidade*, com direção de Amir Haddad (RJ, 1969).

Em abril daquele ano, durante o período dos ensaios, a peça foi censurada por ser considerada subversiva, atentatória à moral e à religião (*Jornal do Commercio* - RJ, Nº 164, 16/04/1969). Após liberação, estreou no Teatro do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, em 20 de junho, ficando em cartaz até setembro.

A peça obteve o segundo lugar no concurso Seminário Nacional de Teatro, foi contemplada com o prêmio Molière, tendo sido bem avaliada pelo crítico Yan Michalski, do *Jornal do Brasil*, como um dos “[...] dez melhores espetáculos da década de 60” (PIMENTEL, 1992, p. 11). No espetáculo, o beato Fidélis, dizendo ter sido enviado pelo Padre Cícero para liderar os romeiros na construção da igreja do Horto, traz a seguinte mensagem:

[...] O fim está próximo. É necessário, portanto, construir a Igreja do Horto para o Juízo Final. Deus virá com toda a Corte Celeste e daqui julgará vivos e mortos. A Igreja do Horto será a última a ser construída na face da terra. Os que a ajudarem a construir e seguirem os meus conselhos terão a salvação eterna! [...] O Bispo não permitiu que fosse construída por nosso Padrinho, mas, nós vamos construir a Igreja do Horto. [...] só nós, os romeiros, vamos atender ao pedido do Padrinho e construir a sua Igreja! (*Op. cit.*, p. 27-28).

O autor explica que a peça mostra a desagregação mental, a alienação em que repousa o mundo “alucinado de romeiros e faná-

ticos” (*Jornal do Commercio* - RJ, Nº 215, 18/06/1969). Acerca dessa produção teatral, escreveu o crítico Yan Michalski:

[...] Altimar Pimentel escreveu uma curiosa e pitoresca história sobre um fenômeno eminentemente regional: os romeiros que vão ao Juazeiro cultivar a memória do Padre Cícero e pedir a esse uma série de milagres são vítimas de um golpe tramado por um falso beato: explorando a primária credence popular e estimulando o fanatismo místico dos romeiros, o vivaldino extrai-lhes dinheiro, alegando que o Padre Cícero teria mandado construir uma grande igreja local e mediante o cumprimento desta ordem acabaria com todas as misérias da região. Como pano de fundo dessa cruel trama, o autor urdiu, através de uma série de pequenos flagrantes concebidos com habilidade, um impressionante clima de primitivismo místico resultante da miséria e da ignorância. A obra escrita é interessante, mas as técnicas empregadas são bem-comportadas e tímidas demais para comportar toda a grandiosidade do fenômeno abordado e insinuar todo o seu potencial de significação simbólica (*Jornal do Brasil*, Nº 72, 01/02/1969, p. 34).

Em 1975, voltou a ser encenada pelo *Grupo Katharsis*, no Teatro Galpão, em Brasília, com direção de Chico Expedito. Em matéria do jornal *Correio Brasiliense*, foi destacado que:

[...] Com um grande sucesso junto ao público de Brasília, que assistiu à peça o Grupo Katharsis de Teatro termina no próximo domingo, sua temporada no Teatro Galpão, onde apresentam a peça “A Construção”, cuja montagem recebeu elogios do autor do texto, Altimar Pimentel, premiado com o Molière, por este trabalho, e que considerou de alto nível, o enfoque dado pelo diretor Chico Expedito ao tema essencialmente nordestino, mas com as conotações abrangentes a todo ser humano. “A Construção” mostra o esforço da população de Juazeiro em fazer cumprir a promessa do “padim”, Padre Cícero, de construir a Igreja do Horto, com 24 torres, naquela cidade, o que

não foi realizado graças à interferência do Bispo. De acordo com a promessa, no Juízo Final, o “padim” e Deus viriam juntos do Céu, para, em Juazeiro, Julgar vivos e mortos. Originalmente a igreja não chega a ser construída, mas na montagem do Katharsis, dois beatos Fidélis e Batista, com a ajuda dos romeiros, tentarão concluir a promessa do “padim” e para isso se defrontarão com o poder do Bispo, do padre e da polícia, cada um deles por motivos especiais (Nº 4380, 19/10/1975, p. 18).

Entrevistado pela reportagem, Roberto Bonfim, Relações Públicas do grupo e também ator, destacou que a peça recebeu os maiores elogios do público, principalmente dos universitários. O espetáculo, tanto na primeira vez que foi encenado no Rio de Janeiro, quanto na segunda, em Brasília, teve grande repercussão na imprensa, com fotografias dos ensaios e das principais cenas, críticas, artigos e reportagens, como demonstrado abaixo:

Figura 5 - Reportagem sobre a peça teatral A Construção, no jornal Diário da Noite - RJ



“A Construção”, um Painel Teatral do Misticismo

Texto: Vladimir Carvalho Fotos: Manuel Clemente



Anticonvencional

Ante a questão de resultar que o Comendado é um grupo eminentemente experimental, com elementos profissionais, mas que no grupo não fazem um trabalho convencional, por ser exatamente um trabalho que o teatro profissional sempre já fez propriamente em vista de relações comerciais óbvias. Os atores, se assim recompensados pela própria experiência e se dedicam a ela sem media interferência. «Além, diz o diretor, a nossa tentativa é experimentar em toda linha da experiência, desde a coreografia até detalhes que envolvem a arquitetura teatral e a colocação da iluminação. Na coreografia, por exemplo, a gente procura se libertar do espetáculo que acabou sendo convencional. Cada peça possui um seu jeito dentro de um espaço que inclui até adaptar ao trabalho que viveamos em nós e, nesse sentido, aqui no MAM, estamos, desde o início, com esse entendimento do espaço à própria disposição do grupo, no caso será uma ambientação física ou arquitetônica teatral e não uma coreografia pré-determinada, dita. Assim fazemos por onde restaurar

a participação do público no espetáculo, através de seu desenvolvimento dentro da cidade ambientada, numa integração quase física.

Liberdade Criadora

Quanto à interpretação — explica Haddad —, além de não ser uma nova atitude diante do teatro, não é mais o ator, fazendo bem ou mal o que está convencionalmente no teatro; resultando-se à ele, ator, a liberdade de criação, sem a de estereotipação da natureza; fica-se com que ele assume a própria natureza, se expõe diante do espectador com suas virtudes e pecados. Isso tem o peso de uma nova féica que repudia uma outra maneira de gesto e atitudes herdadas de uma moral ocidental. Há então a possibilidade de uma percepção do comportamento do homem livre através dos acontecimentos. Esse trabalho será a longo prazo e se estenderá à medida que o tempo passa em prática. O teatro acontece com o teatro e a direção de que nos ocupamos, fazendo com que a peça se vitime como um estímulo e não como uma “instalação”. Assim o diretor escolhe o tema musical e faz ideias as variações possíveis a partir dele, sem contudo afastar-se de sua essência.

“A Construção” é Vanguarda

Os atores já estão tomando uma posição em cena e assim, antes de dar a ordem para iniciar o ensaio, se apressa em arremeter com a mesma liberdade e objetividade as suas impressões sobre essa nova experiência do Grupo Comendado, dizendo que nasceu combinação da peça de Altamir de Almeida através “a primeira experiência de uma forma autônoma e pela estrutura ideal para um trabalho de vanguarda, pela natureza de sua forma autônoma e pela atitude de profunda honestidade que conduz. A montagem, feita, inclusive, no público a opção de assistir ao espetáculo, se não estiver disponível. Se não quiser poderá ficar vendo televisão, mas geralmente, será montado no meio da cena.





Durante a apresentação no Rio de Janeiro, o cineasta Vladimir de Carvalho grava a peça com a pretensão de transformá-la em filme (*Tribuna da Imprensa* - RJ, 31/08/1969).¹¹

1.5. HORTO DO PADIM CIÇO: Campo de resistência na guerra civil do Ceará (1913/14)

Lugar de oração, penitência, descanso, a Colina do Horto também foi um espaço de resistência. Em 1913, quando eclodiu a guerra civil do Ceará na qual o governo cearense, no intuito de suprimir a liderança política do Padre Cícero, envia tropas para invadir Juazeiro, é no alto do Horto que se organiza uma das trincheiras de defesa e ataque das tropas rabelistas.

Devido sua localização, havia, por parte das tropas de Juazeiro, o temor de que a invasão da cidade acontecesse através da serra do Horto, pelo sítio São José, hoje conhecido como Santo Sepulcro. Temor, aliás, não infundado, conforme telegrama abaixo:

OS SUCESSOS DO CEARÁ JUAZEIRO SITIADO

FORTALEZA, 18 - A 4ª companhia do batalhão, acampado em Santa Rosa, está exercendo severa vigilância sobre o Juazeiro, enquanto a 2ª tem suas vistas sobre o “horto”.

O “Horto” é uma espécie de fortaleza, onde reside o Padre Cícero e que tem um pequeno subterrâneo. As tropas acham-se animadíssimas (*Estado do Pará* - PA, Nº 1013, 19/01/1914, p. 01).

Diante dessa possibilidade, a estratégia de defesa dos combatentes do Juazeiro, liderados por Floro Bartholomeu,¹² incluiu a

¹¹ Infelizmente, não encontrei estas filmagens.

¹² Floro Bartholomeu da Costa nasceu em Salvador no dia 17 de agosto de 1876. Chega a Juazeiro em 1908, ali permanecendo até sua morte em 8 de março de 1926. Médico de formação, ganhou destaque na política como vereador, deputado estadual e deputado federal. Floro era um dos homens de confiança do sacerdote, constituindo-se numa das personagens mais importantes do Juazeiro.

construção de um valado em torno da sede da cidade que ficou conhecido pelos romeiros como o “círculo da mãe de Deus”, além da construção, ao redor do Horto, de uma muralha de pedra, tanto para dificultar uma possível invasão quanto para servir de observatório caso alguma tropa do governo se aproximasse.

Transformado, em vista disso, num dos *fronts* da guerra civil do Ceará, foi construído ao lado da muralha uma casa de pedra onde se guardavam armas e munições e que servia de ponto de apoio para o descanso dos combatentes (OLIVEIRA, 1969, p. 164). Na sala, uma imagem do Coração de Jesus garantia a proteção daqueles que lutavam pela “terra da mãe de Deus”.

Em seu livro sobre a guerra civil do Ceará, intitulado *O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914*, Irineu Pinheiro relata:

[...] Na serra do catolé, conhecida também por serra do Horto, bem em cima, uma guarda de homens escolhidos. Sob os muros altos e largos, que deveriam ser de um templo monumental, projetado pelo Padre Cícero e não concluído por motivos superiores, assim como na casa que lhes é contíguo abrigaram-se os romeiros escalados para aquela missão de confiança. Verdadeiros esculcas que de lá, do alto, noite e dia, velavam e vigiam o vale que se lhes estendia abaixo, dispostos a se sacrificar, se preciso, no posto, que lhes fora entregue e era de capital importância no sistema de defesa da vila (2011, p. 67).

Na imprensa, o alto do Horto é apontado como o reduto do Padre Cícero, o lugar onde nascera o movimento, acusando-o de que tinha como motivação restaurar a monarquia. Assim, despontaram diversas manchetes:

OS FANATICOS ARVORARAM NO CIMO DA TORRE DO HORTO A BANDEIRA DA MONARQUIA - OUTRAS NOTAS

FORTALEZA, 17 (A) - Notícias aqui recebidas dizem que os fanáticos do Juazeiro arvoraram no cimo da torre do Horto, que é o reduto do Padre Cícero a

bandeira da monarquia, dando vivas à decaída instituição, após muitas rezas, evoluções e manobras. (*Jornal do Brasil* - RJ, Nº 00352, 18/12/1913, p. 08).

O muro de pedra se tornou parte integrante do solo sagrado do Horto. Ao longo de muitos anos, quando os devotos vinham em romaria, levavam consigo pequenos pedaços de pedra como lembrança, amuleto ou para fazer chá, crenças que eram na cura de algumas enfermidades.

Apesar da ação do tempo e dos rituais mencionados, uma porção do muro original ainda pode ser vista do Horto. Quanto à casa de pedra, em 2005 foi restaurada por um representante dos salesianos, também administrador do Horto, padre José Venturelli. Porém, fica isolada do espaço de circulação dos romeiros, servindo de depósito, conforme fotos abaixo:

Figura 6 - Fotografias do muro e da casa de pedra



Romeiros sentados no muro de pedra - 1940
Foto: Raymundo Gomes de Figueiredo. Acervo: Renato Casimiro/Daniel Walker



Ruínas do muro de pedra - 2022
Foto: Tânia Peixoto



Ruínas da casa de pedra
- 2022
Foto: Tânia Peixoto

1.6. “O HORTO, AQUI, É A PORTA DO CÉU!”: Narrativas e imaginário dos seus habitantes

A antropóloga Rosiane Limaverde Vilar Mendonça, no livro *Arqueologia Social Inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe*, publicado em 2017, afirma que “[...] existe no Cariri um outro território demarcado por lendários significados míticos de ‘Encantados’. Esses lugares são identificados e denominados pelo povo das localidades onde eles se manifestam” (p. 93).

Segundo Limaverde, esses espaços dito encantados são

[...] Lugares misteriosos situados nas pedreiras das serras, no mundo subterrâneo das águas e que são povoados de animais e figuras humanas encantadas que remetem a um tempo anterior, o do mito. Esses Lugares Encantados existem de fato, pelo menos nas narrativas, e revelam um mundo oculto pertencente ao passado e ao sobrenatural (p. 93).

Tais narrativas, de acordo com a autora, compreendem o universo mitológico do povo Kariri, no qual são produzidos mitos e lendas repassados de geração em geração até os dias atuais. Em meio a essa diversidade de lendas, a da “Pedra da Batateira” é, certamente, a mais conhecida e sedimentada no imaginário do povo sertanejo.

No Cariri existiu há muito tempo uma Lagoa Encantada, da qual os Kariri são descendentes. Segundo a lenda, a Lagoa Encantada é a morada da Mãe d'Água, uma enorme serpente com cara de mulher, que descontente com a chegada dos invasores brancos, um dia vai retirar a pedra que tapa a nascente do Rio Batateira e inundar novamente toda a região (*Op. cit.*, p. 94).

De acordo com a fábula, o local em que a Mãe d'Água, de nome lara, habitava é o mesmo lugar onde hoje se encontra o altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Penha, no Crato (DIAS, 2019, p. 277).

Limaverde ressalta que a lenda da Pedra da Batateira pode ser compreendida como “[...] uma narrativa transmitida oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais” (*Op. cit.*, p. 95-96). Durante o processo de transmissão oral, ela vai sofrendo alterações, sendo reelaborada, ressignificada pelas novas gerações. Esse é o caso, particularmente, dos devotos do Padre Cícero, que, ao recontá-la, incluem o Horto como o lugar destinado àqueles que se salvariam da inundação.

1.6.1. “QUANDO A PEDA DA BATATERA DESCER, SÓ O HORTO VAI SE SARVAR”: Narrativas sobre a lenda da Pedra da Batateira

Nas narrativas dos devotos habitantes, quando se cumprir a Lenda da Pedra Batateira e o Cariri ficar submerso pelas águas, só vai restar o Horto. A esse respeito, as irmãs Josefá Maria da Silva (Mocinha), Severina Maria da Silva (comadre Lu, 74) e Cleonice Maria da Silva (comadre Nenê, 73), naturais de Pernambuco e moradoras do Horto desde 1983, contam:

[...] Meu padim Ciço amarrou a peda na serra do Araripe, que é braço do mar. Todo tempo que essa peda da batateira descesse aqui ficava invadido d'água. [...] quando padim Ciço vinha aqui pro Horto, aí batia com o cajadim no cruzeiro que tinha lá em baixo, batia com cajadim assim e dizia assim: Muita gen-

te que vai visitar o mar, muitas cabeças aqui que vai visitar o mar. Que a peda da batateira quando descesse ficava cheio d'água. Aí meu padim chegou e disse: amiguinhos, quando a peda da batateira descer, quem vai tirar Nossa Senhora da Penha, na porta da Matriz? Eles disseram: eu, meu padim! Eu, meu padim! Ele disse: não, meus fios, vocês não têm coragem! Vocês não pode. Quem vai tirar ela sou eu, na porta da matriz.

É bastante significativo o relato de que, com a inundação do Cariri, a imagem de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato, será conduzida pelas águas até a porta da Igreja de Nossa Senhora das Dores, padroeira do Juazeiro, e somente o Padre Cícero terá força e poder de resgatá-la, ensejando a vitória juazeirense sobre Crato. O imaginário do romeiro tem como pano de fundo o contexto de rivalidade política, econômica e as disputas identitárias e de narrativa surgidas com a chamada “questão religiosa do Juazeiro” presentes a partir das duas últimas décadas do século XIX (CORTEZ, 2000, p. 66-99). Quanto a esse aspecto, é importante lembrar que até 1911 Juazeiro era apenas um distrito do Crato e a Igreja de Nossa Senhora das Dores, até 1917, uma capela subordinada à matriz de Nossa Senhora da Penha.

Destaca-se também nessa reelaboração da lenda outro detalhe importante, qual seja, o papel atribuído ao Padre Cícero na explicação da sua origem. Enquanto na versão original as águas do subsolo da serra do Araripe, represadas pela Pedra da Batateira, constituíram uma armadilha dos índios Kariri para enfrentar a invasão dos colonizadores, do ponto de vista dos devotos foi o Padre Cícero quem “amarrrou” a pedra e apenas ele irá desamarará-la, provocando uma nova inundação nas terras do Cariri, transformando a região novamente em mar. Para eles, o Horto

[...] é uma ilha. A Ilha aí do Horto começa até lá (aponta para a ladeira do Horto). As águas vai arru-diar perto do baixio, perto do Maroto. Aqui é uma ilha. Vai se salvar. Também ficava o mar d'água. Aí,

meu padim Ciço disse que quem viesse de lá não entrava e nem sai daqui, nem sai e nem entrava. E quem ficasse do lá de lá ia desejar uma folhinha aqui do Horto, mas num pegava, não. Que tava um mar d'água. Ele mandava a pessoa vim morar aqui no Horto. Nem entra e nem sai. [...] Quem tiver no Horto se salva. Disse que quando a água chegar ali, ainda vai ter criança, ali o menino vai pegar peixe pra sustentar a casa de família, ali da peda do joelho abaixo. Pescando pra sustentar a casa de família.

Delimitando precisamente até onde as águas vão chegar, explicam os devotos que, nessa época, quem estiver no Horto ficará isolado, que ninguém entrará ou sairá de lá, assim como nem mesmo uma folha poderá ser subtraída. Para aqueles que foram escolhidos, não haverá fome nem sede. Além dos peixes que serão pescados pelos meninos, existe no Horto um “sítio encantado” no qual, segundo a narrativa dos seus habitantes, haverá frutas viçosas e frescas para se alimentarem.

Sobre o sítio, contam que um dia uma mulher perguntou ao Padre Cícero: — “Meu padim, no Horto tem um sítio encantado? — Padre Cícero respondeu que sim e que seria desencantado no [...] tempo de Nosso Senhor chegar”. No entanto, o pomar foi desencantado uma vez, quando da construção do casarão do Horto. Certo dia, Padre Cícero

[...] deixou os trabaiaadores trabaiaando, [...] foi pra rua. Disse: ocês fiquem trabaiaando que eu vou pra rua, quando for lá pra onze horas eu trago lanche de vocês. Ele num descia de carro, não, descia a pé e num tinha caminho, era uma vareta por aqui que saía no Juazeiro. Aí, ele foi para o Juazeiro, lá houve um negócio que ele num podia vim. Quando chegou, tava o povo trabaiaando, mas tudo morrendo de fome. Aí chegou e disse: eu num trouxe nada pra vocês que num deu tempo, mas vocês entra aqui nesse mato aqui abaixo que vocês acha o que comer. Aí, o povo saíram sem ter pé de fruta nenhuma, acharam cada uma jaca deste tamanho assim, cacho de banana

madura caindo da palma. Cumeram que encheram a barriga. Diz o povo, que eu num vi, eu num vou dizer que vi, mas conta os mais véio. Disse que cumeram, que encheram a barriga, aí voltaram pra trás e disse: vão trabaiá agora? Vamos que tamo cum a barriga cheia. No oto dia, um deixou uma jaca marcada pra ir buscar. Pade Ciço foi pro Juazeiro e ele foi buscar a jaca, chegou lá num encontrou nem um pé de jaca, nem um pé de banana, nem nada, tinha nada. Só tinha pé de pau (AUGUSTO, 83).

No outro dia, continua a narrativa, quando os trabalhadores voltaram ao sítio e não encontraram absolutamente nada, nenhuma fruta, ficaram se perguntando: “[...] mais rapaz, o que foi que nós fizemo? Mais cadê o sítio encantado?”. Quando o Padre Cícero retornou do Juazeiro, no final do dia, perguntou:

[...] Meu amiguim, o que foi que vocês aconteceram aí? Disse: Meu padim, o senhor me desculpa, mas nós fumo buscar mais fruta e chegamo num tinha mais nenhuma. E o que foi que eu disse a vocês, pra que vocês num fosse lá. Vocês pensava que era só pegar lá assim? Ali, meus amiguim, é encantado. Ali vai ficar pro tempo, da época quando aqui no Juazeiro num tiver nada o meu rumeiro. Eu vou lá no meu sítio encantado, aí ele vai se desencantar. Quando a peda da batateira descer, ele disse vai desencantar esse sítio aí. Aí vai ficar pra todo mundo, todo tipo de fruta pra pessoa se alimentar da fruta desse sítio aí (Josefa, 5).

Constituindo-se como um ambiente que abrigará os escolhidos que irão sobreviver a um “novo dilúvio”, o Horto é descrito pelos moradores como um lugar sagrado, encantado, mas que um dia será desencantado. O “Horto Encantado”, no entanto, não é perceptível para todas as pessoas, nem todas têm a capacidade de vê-lo e conhecê-lo, conforme explica o sr. Manoel Félix, pernambucano, 76, há mais de 40 anos residindo ali:

[...] O Horto é Jerusalém encantado, pronto! É Roma encantada. Agora a gente, nós, nós pecador, nós como volume. Desculpa dizer: nós como volume que num entende de nada, acha que seja tudo mentira. Hoje, aqui esse Horto, eu num vi ele dizer, mas eu vi outros dizer, que aqui o Horto era um lugar tão santo que ninguém cuspiu no chão. Era um lugar encantado.

Outra questão recorrente nas narrativas dos habitantes é que, apesar de Padre Cícero ter destinado a posse legal do terreno à Congregação Salesiana, o Horto é território do romeiro. Nesse sentido, contam:

[...] esse terreno é do romeiro e quando o mundo se acabar toda a gente que tá aqui, [...] rapaz tem gente é muito aqui, né? E vai chegar mais, a senhora vai ver, a senhora vai ver isso quando entrar dois mil. Acho que num vai entrar dois mil, não. É mar e céu, aí. Que ele dizia que quando passasse mil novecentos e noventa e nove pra frente aqui era combate. Aí, né? A madrinha foi e disse: Meu padim, e nós vamos morrer de fome? Ele disse: Não, morrer de fome, não. Neste tempo já tem pra cima e pra baixo, três dias se passa com qualquer coisa, enquanto chega fartura.

Os relatos acerca do desencantamento do Horto também se apresentam associados às intervenções realizadas na localidade no intuito de promover o aumento do turismo e, conseqüentemente, do volume de vendas e possibilidades de sobrevivência através do comércio informal, conforme se verifica na fala do sr. Marcelino Barbosa:

[...] Minha vó dizia que meu padim Ciço dizia que aqui o Horto era encantado. E era mermo, que eu arancei aqui a gente descendo daqui pra baixo e subia era numa vareta, numa estrada, num tinha carro, nem nada, era só uma vareta como quem ia pra uma roça. Ainda era encantado. Aí, depois que o tempo foi mudando, aí chegou Dr. Mauro, fez essa estátua aí.

Aí, pronto, de lá pra cá. E pra mim o Horto desencantou, foi o Horto desencantado muito depois que ele fez essa estátua [...] de lá pra cá [...] Depois que eles fizeram a estátua, aí romaria cresceu e visita que antigamente só era de ano em ano e agora é direto.

É oportuno observar que as narrativas são construídas, sobretudo, por moradores mais jovens ou por quem tem um emprego formal.

1.6.2. “QUANDO PADIM CIÇO ERA MININO, VINHA BRINCAR AQUI”: Horto como morada eterna do Padre Cícero

Sabe-se que o Padre Cícero nasceu no Crato, em 1844 e que somente veio morar em Juazeiro em 1872. Provavelmente, conheceu o Horto na década de 1870 ou 80. Porém, para os habitantes e devotos do sacerdote ele sempre viveu no Horto, lá é sua morada eterna, antes e depois da morte.

O Horto foi do meu padim Ciço, onde o meu padim Ciço se criou. (Maria Ferreira).

Quando meu padim Ciço era menino ia pá escola, aí, ele num ficava nem na escola, vim p'raqui brincar. Vinha p'raqui, pro Santo Sepulco, se a senhora ver lá. Já foi lá? Hum, lá pra dento do mato, diz ele, ia brincar, fazer igrejinha. (Antônio Casimiro).

O meu padinho Ciço era aqui, nessa casa aqui (mu-seu), esse pé de pau. Esse pé de pau onde é a estata dele era pé de pau, que ele prantou quando ele era minino (Maria do Carmo).

Ele toda vida viveu aí, e é dele aí. Tudo ai é dele, né? (Angelita, 76).

Costumam afirmar que, embora tivesse uma casa em Juazeiro “[...] todo dia ele subia pra fazer oração aqui no Horto. Ele fazia oração quando ele tava no mundo aqui, né? Ele dizia: — Aqui é a casa da oração, a casa do meu rumeiro [...]” (Josefa dos Santos).

Sendo, portanto, a morada do santo, era o Horto o lugar de “[...] descanso que pade Ciço tinha aqui. Aqui chama-se o Horto. Agora é o descanso onde o pade Ciço descansava. O pade Ciço descansava tanto aqui, formou o casarão, quem formou ele” (Augusto).

Para os habitantes o Horto é, por assim dizer, o lugar onde o Padre Cícero viveu, trabalhou, descansou, orou e, após deixar o mundo terreno, passou a fazer ali sua morada eterna. Toda essa construção imagética se dá constantemente num processo de reelaboração da crença compartilhada pelos devotos de que ele nunca morreu. Várias são as narrativas sobre o dia do suposto sepultamento do sacerdote. Sr. Geraldo, juazeirense nascido em 1919, conta que conheceu o Padre Cícero e que presenciou o dia do seu enterro. Durante o cortejo fúnebre, revela:

[...] Ninguém pegou no caixão do Padre Cícero. O caixão de Padre Cícero foi passando de mão em mão. Era tanta gente, que foi passando de mão em mão. Então, na hora que tavam levando o caixão, desceu uma onda de andurinha assim ó, ó, ó! Baixou em cima do caixão e voou novamente. Eu nunca me esqueci, para mim eu vejo todos os dias.

Dona Marinete, 76 anos, diz que um devoto lhe contou que estava na porta da Igreja do Socorro quando entram com o caixão:

[...] quando o caixão entrou, os homi cum o caixão dele, aí ele ficou de lado. Aí, o homi viu quando ele ficou na porta, quando entraram cum o caixão que fecharam a porta, ele saiu seguindo pro Horto. Meu padim Ciço seguindo pro Horto. Meu padim Ciço num foi enterrado. Meu padim Ciço era vivo, era santo. Aí, o veim disse que ele subiu pro Horto.

Segundo ela, quando circulou a notícia de que Padre Cícero não estava enterrado, mas morando no Horto, imediatamente mandaram abrir o túmulo:

[...] quando abriram a cova, só tava o sapato que eles trouxeram dali, que foram comprar um par de sapato e butaram nos pés dele, só foi o que ficou dento da cova, dento do caixão, isso aí, só foi o que ficou lá, o que foi comprado e butado, mas o que ele tinha, nada dele tinha dento do caixão, o caixão tava seco.

1.6.3. “ÓI, MEUS AMIGUIM, VOCÊS PODE MORRER NO FIM DO MUNDO, A PRIMEIRA VIAGEM DE VOCÊS É AQUI”:

Horto como lugar do Juízo Final

Sendo a morada final do Padre Cícero, o Horto se apresenta para seus moradores como o lugar do “Juízo Final”, ou seja, onde todos serão julgados. Dona Josefa Vieira (dona Deda) afirma com convicção:

[...] Lugar santo, onde a gente, todo mundo vai ser julgado. Aqui, TODO mundo. Ele disse: “Ói, meus amiguim, vocês visite o Horto e o Santo Sepulcro que vocês pode morrer no fim do mundo, a primeira viaje de vocês é aqui. Que a igreja do Horto é a igreja do julgamento e vocês num pequem, proquê eu tenho que dá conta de vocês. É o pai num canto, o fio noto e eu noto canto. É nós três. Que eu sou uma pessoa das três pessoa da Santíssima Trindade”. Pois é aqui, dona moça, pois é aqui, a senhora pode morrer.

Lugar por onde todos, obrigatoriamente, terão de passar ao morrer, o Horto representa o espaço celeste, o céu, o inferno e o purgatório ao mesmo tempo de acordo com a crença de Dona Pedrina:

[...] O Horto pra mim é o céu, pra mim é o céu. Eu sei que é. Que aqui é o céu e o purgatório. Tudo é aqui. Pode morrer gente nos quato canto do mundo, vem tudo praqui! Pode morrer, donde morrer, vem tudim é praqui. É! Todo mundo, dos quato canto do mundo. Num fica ninguém por lá. O que chega aqui,

que passa daqui vai pra onde? Pra lugar nenhum, que aqui é Deus, é lugar de Deus. É o céu, é o purgatório, é tudo é aqui. O inferno, tudo aqui. Tem história de correr proto canto não. Correr praqui.

Observa-se nas falas a representação do Padre Cícero como uma das três pessoas da Santíssima Trindade ocupando o lugar que seria do Espírito Santo. Sentado no seu trono de glória, ao lado do Pai e do Filho, fará o julgamento final de todos os cristãos, estejam onde estiverem. Quem falou para os devotos que o Padre Cícero é o Espírito Santo? Segundo eles, o próprio sacerdote, conforme conta sr. Manoel Félix:

[...] Uma mulher, ela ainda é viva e mora aqui no Juazeiro. Uma senhora disse a ele: Meu padim, o senhor é Deus? Ele disse: Não, mulher, eu num sou Deus. Você quer saber eu quem sou? Na hora da bênção de seis horas da noite, seis hora você vem que você sabe eu quem sou, viu. Ela disse: Sim senhor, meu padim. Aí, esse povo fica curioso pra saber, que quando foi na hora de seis hora, ela chegou na frente da casa dele, ele ainda dava bênção, aí chegou. Aí chegou e ficou olhando pra ele. Ele aí disse: Pai, Filho e Espiritu Santo. Pronto, foi a palavra dele! [...] Quem tem mentalidade e entende mais ou menos, tá sabendo o que é, que ele disse: Pai, Filho, Espiritu Santo.

Convém sublinhar a forma como o Padre Cícero responde às perguntas que lhe são feitas. Isso se dá sempre através da sugestão, indução, ou de maneira direta. Nesse caso, ele não diz que é o Espírito Santo, mas sugere, deixando a livre interpretação e entendimento sob a responsabilidade de cada um.

O Horto como lugar do julgamento final é considerado, igualmente, como o “meio do mundo”, segundo sr. Francisco de Assis: “[...] Ave Maria, aqui é sagrado. Lugar de Nosso Senhor. Ói, o meio do mundo é aqui, tá vendo? O cento do mundo. Pra lá, pra lá, pra lá e pra cá (apontando com o indicador o norte, sul, leste, oeste)”.

Ramos (2014), no livro *O Meio do Mundo: território Sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*, explica que o “[...] Meio do mundo é o centro, o umbigo da terra, lugar por onde vem o alimento primordial, a força do existir e do significado” (p. 12).

Nesse sentido, no imaginário coletivo dos seus moradores, expressado através da oralidade, o Horto é o centro da sacralidade do mundo. Lugar sagrado, santificado, de penitência, oração e obediência; lugar de interação com o sagrado e onde, um dia, todos terão de passar para ser julgados.

Ao contar suas histórias sobre o encantamento e a sacralidade do Horto, repetem diversas vezes que nem todo mundo acredita, pois nem todos têm o dom, a fé e o merecimento de conhecer e reconhecer que “[...] o Horto é encantado pelo divino Espírito Santo, foi plantado por ele”.

Editora
**SER
TÃO
CULT**

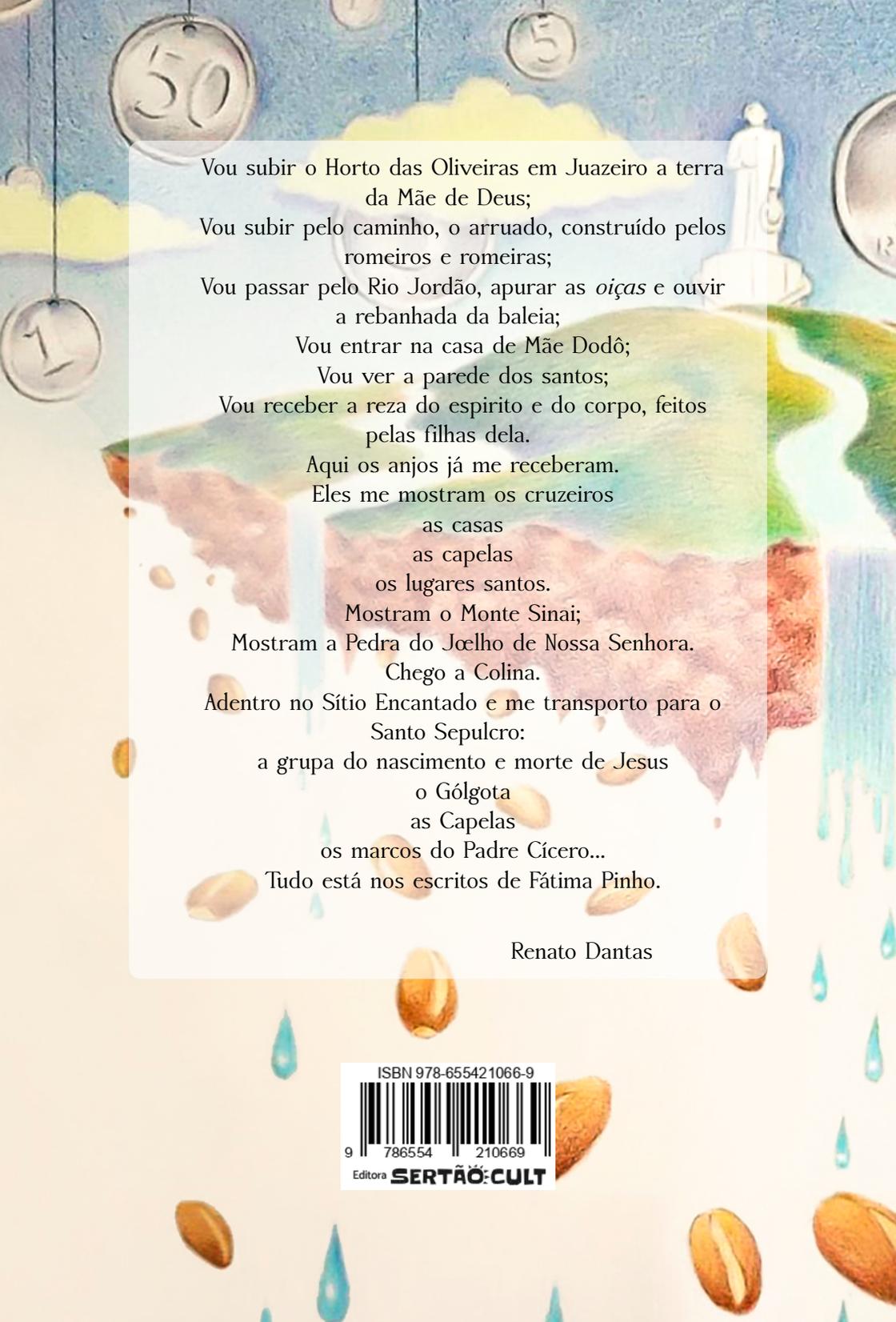
Este livro foi composto em fonte Accanthis ADF Std e impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75g/m², com 232 páginas e em e-book formato pdf.
Março de 2023.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**



Vou subir o Horto das Oliveiras em Juazeiro a terra
da Mãe de Deus;
Vou subir pelo caminho, o arruado, construído pelos
romeiros e romeiras;
Vou passar pelo Rio Jordão, apurar as *oiças* e ouvir
a rebanhada da baleia;
Vou entrar na casa de Mãe Dodô;
Vou ver a parede dos santos;
Vou receber a reza do espírito e do corpo, feitos
pelas filhas dela.
Aqui os anjos já me receberam.
Eles me mostram os cruzeiros
as casas
as capelas
os lugares santos.
Mostram o Monte Sinai;
Mostram a Pedra do Joelho de Nossa Senhora.
Chego a Colina.
Adentro no Sítio Encantado e me transporto para o
Santo Sepulcro:
a grupa do nascimento e morte de Jesus
o Gólgota
as Capelas
os marcos do Padre Cícero...
Tudo está nos escritos de Fátima Pinho.

Renato Dantas

ISBN 978-655421066-9



9 786554 210669

Editora **SERTÃO:CULT**